BATE-PAPO A ALTO NÍVEL

NESTE JOGO DO «SISUDO» — QUEM GANHOU?!

AVEIRO, 2 DE JUNHO DE 1978 — ANO XXIV — N.º 1202

Litoral

SEMANÁRIO

PREÇO AVULSO — 4$00

Director, editor e proprietário — David Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

QUE HABITAÇÃO SOCIAL?!

A. MAIA SANTOS

É natural e sem direito a contestações avessas que o Sector da Construção Civil se tivesse evidenciado na emersão progressiva, *que não instável*, atingindo hoje um momento de franca recuperação.

Se é que ostenta um número considerável de mão-de-obra, verdade é também ser um grande promotor de novos postos de trabalho noutros sectores que a ele são afectos ou que dele possam depender.

No intuito de transpor burocracias e vícios adquiridos, ou desvanecer, ainda, os cuidados que perdurassem ao enlevo do capital fundiário financeiro, foram introduzidas alterações ao processo do Programa de Desenvolvimento e medidas legislativas, umas de carácter institucional, outras de natureza disciplinar, com o objectivo de caracterizar e darem melhor eficácia à concretização da desejada Habitação Social. Pretendia-se, evidentemente, criar novas estruturas de moldes de habitação económica, acessível a todos os cidadãos, com resistência e oposição aos grandes interesses.

Claro que se reconheceu logo à partida quão árdua seria a tarefa. Ao rasto bem vincado da especulação habitacional, de compra e venda, refulgia a extrema necessidade de alojar os nossos compatriotas regressados de África e, ainda, bem a seu jeito, a tradicional mão-de-obra, que nada evoluiu técnica e industrialmente. Os promotores imobiliários apenas tinham tempo para se preocupar com o processo itinerante do lucro a curto prazo e não em provisões que servissem o futuro.

A situação torna-se grave!...

O surto de cidadãos desalojados transborda de limite. Daí, o apego em larga escala à construção de habitação pré-fabricada, onde foram enterrados milhares de contos, sem haver o cuidado de salubridade que respeitasse os seus moradores ou o intuito de construir para ficar.

Uma outra medida de carácter financeiro vir-se-ia a conjugar com as já tomadas, só que, pelas circunstâncias da necessidade, se torna bastarda. Denomina-se critério de crédito bonificado. Critério que se tornou selectivo ao beneficiar os 30% da população que ainda tem a firmeza de conservar o

Continua na página 3

EVOCAÇÃO DE UM AVEIRENSE

No conceituado matutino «O Primeiro de Janeiro», foi dado à estampa, em 28 de Maio findo, um artigo intitulado «Uma efeméride de um padrão comemorativo faz recordar o Aveirense a quem ele se deve». Julgámos dever arquivar nestas páginas o escrito (muitos procuram no «Litoral» elementos para estudos alavarienses), pelo que, com a devida vénia, para aqui transcrevemos, na íntegra, o precioso texto, que é da autoria de um distinto aveirógrafo e nosso dedicado colaborador.

EDUARDO CERQUEIRA

Na sua rubrica de registo quotidiano de efemérides, o rodapé «Publicitário» que à função específica, de aliciante sentido propagandístico, junta, na última página de «O Primeiro de Janeiro», motivos de bom humor — que não se caçam moscas com vinagre, como é sabido — e notas sobre aniversários de acontecimentos ou figuras de algum interesse histórico, aludia ao obelisco que comemora a batalha que, no Buçaco, em 27 de Setembro de 1810, opôs o exército anglo-luso às tropas napoleónicas comandadas por Massena — elas e este habituados a triunfos ininterruptos e que aqui sofreram uma derrota.

Atribui à inauguração desse monumento a data precisa de 4 de Maio de 1877. E recordando o facto nesse dia do corrente mês, atribui-lhe o propósito, designado, de recordar o centenário.

Acontece que nesta referência há um equívoco, pelas informações de vária proveniência que se nos têm deparado e que reputamos exactas. Naquela data não se verificou a inauguração do monumento — mas a reinauguração.

Com efeito — e sem querermos, de momento, pormenorizar os factos antecedentes ao erguer dessa altaneira memória de um feito glorioso do exército luso-britânico — a data

Continua na página 3

Cacia em foco

TROFÉU INTERNACIONAL DE QUALIDADE

LÚCIO LEMOS

No mês passado, mais ou menos por volta do dia 20, veio publicada em certos jornais (publicidade paga) a notícia, devidamente ilustrada, da atribuição de um *«troféu internacional de qualidade»* à Empresa Pública Setenave — Estaleiros Navais de Setúbal.

Segundo nessa mesma altura chegou a constar nos bastidores do Centro Cacia, semelhante troféu havia sido atribuído também à Portucel «como reconhecimento pela alta qualidade» do produto fabricado num dos Centros que integram essa Empresa Pública da Celulose e Papéis, havendo quem admitisse (e ainda admita, até prova em contrário) que se tratava (e trata) de pasta de eucalipto (sempre, mas sempre, de grande reputação nos mercados externos), «made in Cacia».

Mais se dizia nos referidos bastidores de Cacia que o troféu atribuído à Portucel fora entregue, em Madrid, ao membro do Conselho de Gerência, Eng.º Rui Ribeiro, o qual — segundo observações que ouvi e com as quais, confesso, também alinhei — deveria ter ido acompanhado, na sua deslocação à capital espanhola, de um representante do Centro (fosse qual fosse o Centro) onde foi fabricado o produto que esteve na base da apreciação da qualidade e na atribuição do respectivo troféu internacional.

Lamentava-se ainda que a Portucel, atempadamente, não tivesse dado conhecimento aos trabalhadores da Portucel e ao País em geral da atribuição

Continua na página 3

"O FANFARRÃO" FANFARRONADO (no Ceta)

MIGUEL CARVALHO

1. *Se quisessemos definir com alguma subtileza ortorrômbica o último trabalho do CETA (CETA, que o leitor tem todo o direito de não saber o que seja — ou porque nunca soube... ou porque já se esqueceu da sua existência — tão eliticamente ele tem andado arredado da nossa urbanidade tão vazia, também ela, et pour cause, tão mesquinhamente vazia...), pois diríamos que a bela encenação de Fino (Júlio) é uma boa droga. Como aqueles puros entusiasmos que degeneram em viciosa auto-ilusão porque ao essencial que todo o puro entusiasmo constitui, se lhe acrescenta uma pretensa consciência crítica, segregadora de todo o acto de (pura) criação e que, como qualquer alucinogénio em que acreditamos, passa a valer como exclusivo factor de realidade, de verdade. Da «nossa» verdade-realidade, claro. E sabemos o que pode fazer um «alienado»!*

Exagero.

Perante um tal trabalho de ence-

Continua na página 3

BEIRA-MAR na Divisão Maior do Futebol

No passado domingo, mesmo sofrendo uma derrota tangencial na sua deslocação ao campo do Mangualde (uma equipa «aflita», muito carecida de pontos para tentar impedir a descida de escalão), o Beira-Mar voltou a encher de justificado júbilo todos os aveirenses, ao garantir — duas jornadas antes do termo da longa, difícil e ingrata prova — a vitória na Zona Centro do Campeonato Nacional da II Divisão. Foi uma vitória brilhante e obtida com inegável merecimento, que há muito se adivinhava já, mas que se concretizou, pelas matemáticas, após a jornada disputada em 28 do mês findo — vitória que assegurou, novamente, o desejado regresso do popular Clube à divisão maior do futebol português, de que esteve ausente uma época.

Nesta hora de compreensível euforia dos desportistas da nossa terra, voltámos a ver, numa das varandas do edifício-sede do prestigioso Clube dos Galitos, uma ampla placa de saudação — PELO BEIRA-MAR, CANTA! CANTA! — em que o «velho» rival-amigo, no exacto momento do êxito dos auri-negros, expressivamente «canta» o triunfo do Beira-Mar. Trata-se, assim o entendemos, da mais significativa síntese do nosso aveirismo — dado que o Clube dos Galitos, respirando Aveiro por todos os poros, não poderia, é óbvio, estar ausente nesta hora alta do Beira-Mar, justamente porque o Beira-Mar é Aveiro!

No termo da prova ainda em curso, o Beira-Mar entrará, com os vencedores da Zona Norte (Famalicão) e da Zona Sul (clube ainda a apurar, mas que sairá do trio Barreirense-Juventude de Évora-Montijo), numa «poule» para apuramento do campeão nacional — título que os beiramarenses já conquistaram mais de

Continua na última página

Neste número, em «CIDADE»:

Importante publicação de CARLOS CANDAL
Texto de H. VAZ DUARTE

OS 50 anos da EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO
Reportagem de JOSÉ NAIA

AZULEJOS E SANITÁRIOS

— garantia de qualidade e bom gosto —

aleluia

CERÂMICA, COMÉRCIO E INDÚSTRIA, SARL
Apartado 13 - AVEIRO - PORTUGAL - Tel. 22061/3

PROPEDÊUTICO

Apoio aos Alunos
Externato
Fernão de Oliveira
Telefone 23390
Rua de Coimbra, 21
AVEIRO

A. FARIA GOMES

MÉDICO - ESPECIALISTA
ESTOMATOLOGIA
CIRURGIA ORAL
e REABILITAÇÃO

Consulta todos os dias úteis das 13 às 20 — hora marcada.

R. Eng.º Silvério Pereira da Silva, 3-3.º E. — Telef. 27329

J. RODRIGUES PÓVOA

Ex-Assistente da Faculdade de Medicina
DOENÇAS DO CORAÇÃO E VASOS
RAIOS X
ELECTROCARDIOLOGIA
METABOLISMO BASAL
No consultório—Av. Dr. Lourenço Peixinho, 49 - 1.º Dto.
Telefone 23375
A partir das 13 horas com hora marcada
Resid. — Rua Mário Sacramento, 106-3.º — Telefone 22750
EM ÍLHAVO
no Hospital da Misericórdia às quartas-feiras, às 14 horas
Em Estarreja - no Hospital da Misericórdia aos sábados às 14 horas

---

DAR SANGUE
É UM DEVER

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pelo presente se torna público que pela 2.ª secção do 2.º Juízo da comarca de Aveiro, correm éditos de 20 dias contados da segunda e última publicação deste anúncio citando os credores desconhecidos dos executados Jacinto da Silva Dias e mulher Lilia Martins Sequeira da Silva Dias, para no prazo de 10 dias, posterior ao dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, nos autos de execução de sentença movida pelo exequente António Maria da Silva, contra os referidos executados.

Aveiro, 19 de Maio de 1978.

O JUIZ

a) *José Alexandre de Lucena e Vale*

pel'O ESCRIVÃO

a) *Domingos M. Vilas Boas dos Santos*

LITORAL - Aveiro, 2/6/78 — N.º 1202

JOSÉ CARLOS F. LEITÃO

MÉDICO ESPECIALISTA
Doenças de Ossos e Articulações
Consultório:
Rua 19, n.º 192 - 3.º
Telefone n.º 921841
ESPINHO
Marcações de consultas através do telefone.

J. CÂNDIDO VAZ

MÉDICO - ESPECIALISTA
DOENÇAS DE SENHORAS
Consultas às 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs
a partir das 16 horas
(com hora marcada)
Avenida Dr. Lourenço Peixinho 81 - 1.º Esq. — Sala 3
AVEIRO
Telef. 24788
Residência — Telefone: 22856

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª publicação

Faz-se saber que no dia 21 de Junho, próximo, às 11 horas, no Tribunal Judicial desta Comarca e na Execução de Sentença n.º 101-A/77, que Marujo & Companhia, Limitada, sociedade comercial por quotas, com sede na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, n.º 169, em Aveiro, move contra ROSA PEREIRA SIMÕES, solteira, maior, comerciante, residente em Sarrazola — Cacia — Aveiro, hão-de ser postos em praça, para serem arrematados ao maior lanço oferecido, acima do valor indicado no processo, uma máquina de costura, uma máquina de tricotar, várias estantes, fazendas e louças.

Aveiro, 15 de Maio de 1978.

O JUIZ DE DIREITO,

a) *Francisco Silva Pereira*

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

a) *António Miller Soares Ribeiro*

LITORAL - Aveiro, 2/6/78 — N.º 1202

VENDE-SE

Na praia da Barra: 3 casas em 600 m2, bom local, a 30 m da praia.

Trata: «A PREDIAL AVEIRENSE»
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 97-1.º
Telefones 22383/4 AVEIRO

Passa-se

Estabelecimento de fruta-ria, mercearia, vinhos e brinquedos, bem situado no centro desta cidade, por motivo de saúde.

Resposta a este jornal, ao n.º 95.

EM QUALQUER ÉPOCA

GALERIA **ICONE**

de Mário Mateus

Faça as suas compras na Rua do Gravito, 51 — AVEIRO
(em frente à Rua Dr. Alberto Soares Machado)

Casa especializada em:

BIBELÔS
PEÇAS DECORATIVAS
ARRANJOS FLORAIS

MÓVEIS
ESTOFOS
DECORAÇÕES

PAPÉIS
ALCATIFAS

LACAGENS
DOURAMENTOS
FABRICAÇÃO DE MOLDURAS

Visite-nos e aprecie onde a qualidade anda a par com o bom gosto

---

R

Reclangol

Reclamos Luminosos — Néon-Plástico — Iluminações Fluorescentes a cátodo frio — Difusores

Rua Cónego Maio, 101
Apartado 409
S. BERNARDO - AVEIRO
Telefone 25023

Trespassa-se

Casa comercial situada em bom local da cidade. Ramo actual modas.

Resposta à Redacção, n.º 97.

VENDE-SE

Apartamento em Aveiro

Contactar o telefone n.º 24210 — Aveiro.

AMORIM FIGUEIREDO

MÉDICO - ESPECIALISTA
OSSOS E ARTICULAÇÕES

participa a mudança do seu Consultório Médico para a Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, ao n.º 54 (2.º andar), em AVEIRO (Telefone 24355)

Consultas:
2.ªs, 4.ªs e 6.ªs — 10 horas
Residência:
Telef. 22660

EMPREGADA — PRECISA-SE

Senhora que vive só precisa de empregada de meia idade, para companhia e alguns serviços leves.

Dão-se e pedem-se informações.

Resposta a esta Redacção ao n.º 100.

DANIEL FERRÃO

MÉDICO
Interno dos Hospitais da Universidade de Coimbra
CLÍNICA MÉDICA
Consultório: Rua Guilherme Gomes Fernandes, 37-1.º
Telefs: Consultório 24372
Residência 27421
AVEIRO
Consultas todos os dias úteis a partir das 17 horas.

JOAQUIM PEIXINHO

ADVOGADO
Trav. do Governo Civil, n.º 4-1.º Esq. — Sala 4
Telefone 25206
AVEIRO

AVENTINO DIAS PEREIRA

ADVOGADO
Rua do Capitão Pizarro, n.º 78, r/c.
Telefone 27381 — AVEIRO

Apartamentos em Aveiro

Vendem-se, por bom preço, com 4 e 3 assoalhadas e garagem individual, em prédio em construção. Informa telefone 24275.

OFICINA DE ARTE

— DE —

MANUEL FERNANDO MARTINS

SOLPOSTO

Telefones 28746-27984

Um marceneiro especializado no estrangeiro em móveis de cozinha.

Mande fazer os seus móveis na

OFICINA DE ARTE

HERNÂNI

tudo para DESPORTO

Rua Pinto Basto, 11

Telef. 23595 — AVEIRO

ROGÉRIO LEITÃO

MÉDICO - ESPECIALISTA
DOENÇAS DO CORAÇÃO
Cons.: — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 82-1.º E — Tel. 24790
Res.: — Rua Jaime Moniz, n.º 18
Telef. 22677 AVEIRO

MAYA SECO

MÉDICO - ESPECIALISTA
PARTOS — DOENÇAS DAS SENHORAS
Rua Dr. Alberto Souto, 11, r/c AVEIRO

VENDE-SE

Casa de habitação com estabelecimento comercial e um terreno anexo, próprio para construção, em óptimo local nesta cidade.

Respostas a esta Redacção ao n.º 94.

Novas Tabelas de Publicidade

Os Semanários de Aveiro — «Correio do Vouga» e «Litoral» — que têm praticado idênticos preçários, após minucioso estudo, reconheceram a impossibilidade de suportar os encargos inerentes à respectiva publicação, dados os enormes e consabidos aumentos do seu custo, designadamente na composição, na impressão e no preço do papel.

Por isso, decidiram, para garantia da sua sobrevivência, actualizar as suas tabelas, o que, para já, apenas fazem quanto à publicidade.

Adverte-se que a nova tabela, a seguir publicada, é sensivelmente inferior e, em certos casos muito inferior, à praticada por outros semanários que tivemos o cuidado de consultar, quer do distrito de Aveiro, quer de publicações congéneres de outros distritos.

PUBLICIDADE — A PARTIR (para o Litoral) DE 7/4/978

1 página — 4 000$00; 1/2 página — 2 200$00; 1/3 página — 1 500$00; 1/4 página — 1 200$00; 1/5 página — 1 000$00; 1/8 página — 700$00; 1/16 página — 400$00; 1/32 página — 300$00.

Anúncio mínimo — (abaixo da medida precedente) — 100$00.
Texto, por linha (corpo 8) — oficiais: 12$50 — outros: 15$00.

Descontos — 5 publicações — 10%; 10 publicações — 20%; 25 publicações — 30%; 50 publicações — 40%; de agência — 20%.

NOTAS — 1.ª ao preço líquido dos anúncios acresce, como é de Lei, o imposto de 10%, a cargo do anunciante.
2.ª Não se publicam anúncios (normalmente) na 1.ª e na última páginas.

EVOCAÇÃO DE UM AVEIRENSE

Continuação da 1.ª página

inaugural que se topa, a data em que, em modesta cerimónia, se franqueou à contemplação pública foi a de 27 de Setembro de 1876 e, assim, a do sexagésimo sexto aniversário da batalha.

Aconteceu, todavia, que, em 28 de Outubro desse mesmo ano, no decorrer de uma violenta trovoada, um raio riscou o ar em direcção ao monumento e provocou-lhe grandes danos, que obrigaram a refazê-lo, em grande parte. Esses trabalhos de reparação viriam a estender-se pelo primeiro quadrimestre de 1877, e, assim, a dar ensejo à mencionada «reinauguração».

Poderia, a propósito, recordar-se que, pouco tempo passado sobre a batalha do Buçaco, se pensou em memorá-la com um padrão condigno. Anda referido que chegou a desenhar-se, com vistosa iluminura, da autoria de artista britânico, um obelisco de grandes proporções, decorado com troféus da vitória e quaisquer figuras de feição alegórica.

As lutas políticas mais tarde surgidas, prolongando-se, pelas várias circunstâncias consabidas, por um largo espaço de tempo absorvente de atenções, energias e recursos, fizeram olvidar a ideia de erguer o monumento.

Ora, não está na nossa intenção aludir ao triunfo do exército coligado das tropas portuguesas e britânicas, a partir do qual se tem querido demarcar o início do empalidecer das glórias do corso genial que dominou a quase totalidade da Europa. Encontra-se exaustivamente descrito, quase passo a passo, por mais de um autor.

Somente, e por que também o Buçaco pertence ao distrito de Aveiro — pretendemos, a talho de foice, a propósito da citação dessa centena de anos agora evocada para o aspecto tomado pelo obelisco rememorativo, que ainda subsiste, «chamar a brasa à nossa sardinha». Como é já do nosso hábito inveterado, ligar, nestas colunas, o acontecimento lembrado com Aveiro.

E não apenas por aquela circunstância administrativa, e mesmo pelo vinculador elo histórico de o convento do Buçaco ter sido começado, na serra já em grande parte recoberta de arvoredo, por três frades, propositadamente saídos, para a finalidade, do Convento do Carmo, de Aveiro, também: Fr. Tomás de S. Cirilo, que seria o primeiro vigário do cenóbio, Fr. João Baptista e Fr. Alberto da Virgem, que foi o arquitecto. De Aveiro partiram com efeito, a 29 de Junho de 1628, com o mínimo mais estrito para levarem a efeito a tarefa. E no dia de S. José de 1630, levando com afinco a tarefa e com pertinácia vencendo todas as canseiras, davam já começo à regularidade eremítica. E, porventura, iniciariam o aumento da mata já frondosa, a que se dedicaram os seus sucessores.

Não nos importa, repetimos, neste ensejo, relevar mesmo as raízes, há quase três séculos e meio lançadas por esses três carmelitas a ligar o Buçaco a Aveiro e a dobrar quaisquer razões para a sua inclusão na circunscrição administrativa distrital aveirense.

De momento, interessa-nos mais recordar uma outra circunstância e um outro nome, mais em imediata relação com o monumento — o do, ao tempo, tenente-coronel Joaquim da Costa Cascais, que mais tarde ascenderia ao posto de general, e que nasceu em Aveiro em 29 de Outubro de 1814.

A sua memória não está esquecida, aliás, na sua terra natal. Quando, de facto, a sede da freguesia de Esgueira, há já cerca de três decénios, foi integrada na área citadina, o nome desse ilustre aveirense foi inscrito nas lápides toponímicas de uma das artérias incorporadas na acrescida urbe.

E com justiça consagradora de méritos múltiplos. Na verdade, além de militar com prestígio, professor no Colégio Militar de sucessivas gerações que dele guardavam respeitosa e carinhosa recordação, autor de obras de feição profissional e histórica, dramaturgo dos mais prolíficos e aplaudidos do seu tempo, com seis volumes de «Teatro» publicados, com peças de vária índole, deixou também algumas obras de poesia, e um dos seus trabalhos, «O Castelo de Faria», corre impresso numa versão francesa.

E, conquanto saisse de Aveiro muito novo, mantém até ao fim da vida, longa de oitenta e quatro anos, uma viva fidelidade de afeição à terra do nascimento. Prestou, assim, colaboração a diversas publicações aveirenses, mencionadamente nas comemorativas de qualquer fasto ou figura locais, e contribuição para subscrições destinadas a qualquer iniciativa de carácter cívico ou assistencial. Era, pois, aveirense não apenas de nascimento, mas de activa afeição.

Mas a Costa Cascais — o «Pai Cascais», como lhe chamavam por simpatia vitaliciamente evidenciada os seus discípulos de desenho e topografia, como Pinheiro Chagas, Celestino Soares e Maximiliano de Lemos — se deve o monumento comemorativo da batalha do Buçaco. Por esse facto julgamos ser agora oportuno trazer-lhe a lume o nome e a memória veneranda. Que nem só o obelisco buçaquino se ergueu mercê da sua pertinácia, mas igualmente o que celebra o embate das «Linhas de Torres», em que as hostes napoleónicas redrobraram o revés, que os maus fados, de maus presságios lhe marcariam para a «ocidental praia lusitana».

Maximiliano de Lemos, relevando nas obras do seu antigo e respeitado professor «um cunho perfeitamente nacional, que demonstra que a vida do nosso povo, transportada para a cena, também pode dar quadros interessantes e pitorescos, abstraindo mesmo do propósito de exaltação de feitos militares de gente portuguesa, que reconhecidamente afirmou naquelas iniciativas, classificou-o, com fundada razão, ao mesmo tempo, «um estrénuo patriota e um grande homem de bem».

Mas aquele ilustre aveirense não só alvitrou a construção do padrão aludido, que, na expressão de Simões de Castro, no seu «Elucidário do Viajante no Buçaco», «comemorando a batalha ali ferida, ficou servindo também de monumento dos feitos militares em que os portugueses mostraram o seu heroísmo, durante a guerra peninsular».

Socorrendo-nos do mesmo autor, para não nos abonarmos com textos igualmente fidedignos de outros historiógrafos, faremos alusão igualmente à iniciativa que tomou para o restauro da «Capela das Almas do Encarnadouro», na qual, após a batalha, muitos feridos franceses foram caridosamente tratados pelos frades do Buçaco».

Com efeito, informa Simões de Castro, «achando-se arruinada, o ministro da Guerra Fontes, por proposta do referido Costa Cascais, autorizou em 1871, a sua restauração, que, efectivamente se realizou e no dia 27 de Setembro de 1876 — e, pois, no mesmo sexagésimo aniversário da batalha — foi benzida sob a invocação de Nossa Senhora da Vitória e das Almas».

Pois nessa mesma data, e, ainda por iniciativa do mesmo persistente Costa Cascais, ininterrompidamente até ao ano da sua morte, e, assim, durante quase um vinténio, o ilustre aveirense tomou sobre si o encargo da celebração da batalha em que saiu derrotado o invasor francês. E com que zelo se desempenhava dessa missão, voluntário civismo assumida, mostra-o com plena evidência o sr. Dr. José Tavares — a veneranda figura de homem exemplar, de professor respeitado e de probo investigador e escritor de largo apreço — no artigo que ao assunto consagrou no «Arquivo do Distrito de Aveiro». Foi, assim, precursor das expressivas cerimónias de feição histórico militar que agora se realizam, anualmente, junto ao padrão.

A individualidade de Joaquim da Costa Cascais é talvez mal conhecida e, assim, pouco recordada. Mas, queremos crer que um homem que a par dos méritos sucintamente apontados, se mostrava de uma singela e desafectada modéstia, que Pinheiro Chagas referia, considerando-a «natural do homem que, depois de conquistar todos os sorrisos da glória, se imerge tranquilamente na sombra, e não só não procura, mas evita ocupar o público, que o aplaudiu delirantemente, com a sua personalidade», merece ser evocada, quando para o facto, como agora, uma oportunidade surge. — *E. C.*

CACIA EM FOCO

Continuação da 1.ª página

desse prémio, a exemplo do que fez a Setenave.

Para os trabalhadores da Portucel seria uma espécie de prémio de consolação, sobretudo para os que, desde 1974, já não sabem o que é um cheirinho tão agradável a aumentos salariais, bem ao contrário do que acontece com os membros do Conselho de Gerência e com os trabalhadores doutras empresas públicas e nacionalizadas que, mau grado as suas empresas apresentarem resultados negativos (situação que, por exemplo, não acontece com o Centro Cacia) não têm deixado de ver melhoradas as suas condições de trabalho graças a actualizações de ordem salarial e a benefícios de carácter social.

LÚCIO LEMOS

O «Fanfarrão» fanfarronado

Continuação da 1.ª página

nação, tais comentários são, não há dúvida, um frete ingrato.

E ter saído do espectáculo tão alucinado (perdoem... tão maravilhado), apesar das duas horas incrivelmente suportadas, dependurado das tábuas, ou encravilhado em meio degrau, deveria ser prova bastante de um bom trabalho.

É então claro que a droga deixou um travo amargo, amigo...

2. O que mais espanta num J. Fino, e pelo menos no caso do seu *«Miles gloriosus», é que ele tenha enveredado por um caminho extremamente ousado — o de respeitar um texto já de si tão escrupuloso na tradução do «espírito» original do texto latino, quase se limitando à exclusão de alguns trocadilhos sem sentido para o público — e, incrivelmente, se tenha (?) mostrado tão generoso em dotar a formulação cénica de apetitosas achegazinhas (se já não fosse ridícula a pretensão estafada) que ficariam bem à mesa do café, num intervalo dos ensaios, mas que nada têm a ver (pelos céus!... não têm absolutamente nada que ver!) com o domínio (nem sequer disso se tratava, pois não?) do actor sobre os meios cénicos. Cremos, aliás, que o próprio J. Fino deve* sentir, *como actor que é, a diferença entre as «libertinagens» (pouco experimentalistas...) das interpretações de um Palestrião e até de um Pirgopolinices e a magistral interpretação, em termos populares e de investigação semiológica (admitindo mesmo que J. F. não queira ser uma Mnouchkine), do RUZANTE, a cargo do próprio J. Fino (há cerca de um ano).*

De notar, no entanto, que não foi só, nem sequer propriamente ao nível das palavras, a percepção, que o espectador pôde ter, de uma brecha no trabalho tão esperadamente correcto (sempre o será) de J. F.; se não que foi, mais, de um modo geral, ao da própria interpretação, fugindo constantemente ao rigor estético por que se havia optado (parece-nos), opção nada contra-«natura», pese o que pesar, embora, a alguns velhos modernistas, para cair numa espécie de «sketchismo» psicologicamente em sintonia com as nossas (dos actores) relações mais triviais, da família ao café, passando pela esquina da cidade onde se cavaqueia com aquele preciosismo expressivo... digno de qualquer palco... mas onde não esteja, em princípio, Plauto.

A re-criação (que palavra horrível!), a criação radicalmente outra, utilizando o encenador os textos clássicos, será sempre oportuna. Não se confunda, porém, actualização criativa com o que, neste trabalho do CETA, não passa de demagogite, impreparação (direitinho ao intérprete de Palestrião, que corre atrás da sombra, qual Pirgopolinices, julgando-se um bom actor só porque tem uma tremenda capacidade expressiva, o que demonstrou excelentemente nesta peça, com uma perfeita entoação da voz e tudo, quando se tratou de interpretar o Palestrião do texto...), desleixo dos do E *de CETA, droga.*

3. Se houvesse uma fuga a fazer ao que este clássico nos transporta de irremediavelmente clássico (e é um aspecto pouco mais que de organização material, visto que a sua actualidade nem precisaria do habitual horror de terminar o espectáculo com a pró-formice de trazer os intérpretes-personagens à boca do palco pregar-nos o sermãozinho da distanciação... que desesperaria o Outro!...), ela seria, sem dúvida, a omissão de certas repetições e explicações, o que originaria uma hermeticidade diegética por certo mais rica de sugestões humorísticas. A anotar, para o caso de o CETA não ficar por aqui, na releitura dos clássicos des- *ou* anti- *heroizantes. Deus nos ouça.*

4. Mas já agora, também para ilustrar o que se disse, será instrutivo referir um curioso «falhanço» do encenador (pelo menos na medida em que permitiu o tal «sketchismo» *parolo, que se sobrepôs, num público de familiares e amigos, claro!, algumas vezes, ao texto e à encenação). Refiro-me ao pouco proveito (humorístico...) que J. F. tirou de certas cenas em que o diálogo, contendo elementos importantes e de perfeito sentido cómico, como no início, a apresentação do Soldado pelo parasita Artotrogo, quase passou despercebido.*

Na Cena VI, 4.º Acto, por exemplo, Pirgopolinices e o seu infiel escravo Palestrião, escondidos, ouvem as «declarações» amorosas de Acroteléucio (que faziam parte do plano urdido por Palestrião para enganar o seu dono). Na postura, de imaginação irrepreensível, que o encenador lhes arranja, atrás da estátua-símbolo do reino dos fanfarrões, os apartes de ambos constituem, só por si, o retrato do Fanfarrão e um ponto alto do cómico, pelo que tem de sincopado, de contraditório com a realidade, de subjectivo inesperado:

«Pirgopolinices — (A Palestrião) — Como é evidente que me ama!

Palestrião — Bem o mereces!

(...)

«Palestrião — Em que apreço te têm as mulheres!

Pirgopolinices — Tenho de me resignar, já que Vénus assim o quer.

(...)

«Pirgopolinices — Parece-me que devo impedi-la de morrer. Achas que vá ter com ela?

Palestrião — Nem por sombras: seria rebaixares-te...

(...)

«Palestrião — (A Pirgopolinices) — Não há dúvida, todas as mulheres se apaixonam por ti logo à primeira vista.

Pirgopolinices — Não sei se já mo ouviste dizer ou não: eu sou neto de Vénus!»

A atenção, não sei por força de que fenómeno, estava longe do diálogo. Era um diálogo só em aparência secundário, esclareça-se. Menos importante, até porque o espectador o conhecia já teoricamente, era o diálogo das duas mulheres, que a encenação colocou em 1.º plano grandioso.

Mas se não se tratou de erros de encenação (que, aliás, as primeiras representações poderão levar a corrigir), então não nos entenderemos: a fanfarronice, sem o sentido de gravidade própria do Soldado de Plauto, ou de qualquer fanfarrão, não foi rigor de intenção barroca, não foi barroquismo simbológico, não é estilização. Está a mais.

Como ponto alto da encenação--interpretação, deixem-me anotar ainda (até para não julgar o leitor que o CETA não fez um trabalho fora de série), aquele prólogo do 2.º Acto, em que o Palestrião nos narra os antecedentes da intriga que se prepara, jogando com o cenário de forma magnificamente teatral. Só visto, caro leitor.

5. Enfim. Aí temos o CETA, eis o importante.

E agora que o António Reis está lá... caramba! Não seria de tentar o arranque decisivo, definitivo?

E agora que se fala em uma «nova» (?) Feira-de-Março (com a devida interrogação sobre o que querem, de facto, os senhores fazer...) não é de pensar na integração de manifestações artísticas (mas populares — está bem? — que nem artesanato já há naquele inferno de masoquismo, decadente!) na Feira?

Claro que o CETA haveria de ser o primeiro... a ter a sua barraca.

E, assim, além das farturas, as pessoas poderiam começar a levar para casa meia duziazinha de plautos; ou ir à Commedia dell'arte... em vez da visitazinha patológica... à mulher serpente. Brrr!...

MIGUEL CARVALHO

Que Habitação Social?!

Continuação da 1.ª página

poder de compra para pagar por apartamento entre mil e mil e quinhentos contos.

Sendo os preços que referi os que orçam no momento, como será possível a um agregado familiar, detentor médio, da média mensal de 12 contos, contrair empréstimo para a compra de habitação, se lhe são absorvidos cerca de 70% do seu orçamento?

A quem serve ou despreza o crédito bonificado?

Há quem afirme ser necessária a construção de cerca de 900 000 habitações, para alojar os desprotegidos. Pelas estatística vindas a lume, constroem-se anualmente 40 000 habitações. Por este passo de tartaruga, no ano 2000 teremos o Portugal habitado!... E não venha o Plano Satélite de Santiago contribuir com as suas 1400 habitações cintilantes. Na altura adjudicado por cerca de 280 000 contos, hoje, não se sabe se chegará um milhão! A primeira fase, sem que nada esteja erguido, já levou meio milhão.

Será que, ao eterno fazedor de edifícios, sempre bezuntado de tinta e argamassa, caberá uma dessas habitações... sociais?! Ou perdurará o espeto de pau?... Ah, se as promessas carregassem e por confusão se digladiassem, do etéreo tombariam em catadupa, não poupando os proeminentes.

Não se deve ser ousado. Mas eu cá, digo sem afronta...

Nunca neste País, e muito menos após a Revolução de Abril, se construiram Habitações Sociais. A não ser que o meu conceito de Social se venha escurecendo com a demagogia.

O que se fez, até ao momento, é a revitalização nítida do capital fundiário financeiro. Mas, até quando? Será que, daqui a um ano, poder-se-ão construir apartamentos para as famílias de trabalhadores com suporte de vida baixíssimo, por mil ou mil e quinhentos contos? Construir casa para renda entre seis e nove contos?! Se assim não for, que acontecerá ao sector da Construção Civil e seus afectos? Arrastará para a ruína centenas de firmas e seus colaboradores, enquanto os *empreiteiros a curto prazo* se encantam com o que vêem e fazem jus com os fabulosos lucros que obtiveram.

Que haja ponderação, senhores responsáveis. Se há princípios, os meios têm que ser reflectidos e os objectivos honestos e decisivos.

A. MAIA SANTOS

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	SAÚDE
Sábado	OUDINOT
Domingo	NETO
Segunda	MOURA
Terça	CENTRAL
Quarta	MODERNA
Quinta	ALA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta-feira, 2 — às 21.30 horas — CHINA GIRL — Interdito a menores de 18 anos.

Sábado, 3 — às 15.30 e 21.30 horas; e Domingo, 4 — às 15.30 e 21.30 horas — REVOLTADOS DO ANO 2000 — Inderdito a menores de 18 anos.

— Cine-Teatro Avenida

Sexta-feira, 2 — às 21.30 horas — A PUNIÇÃO — Interdito a menores de 18 anos.

Sábado, 3 — às 15.30 e 21.30 horas — TRÊS BALAS PARA UM PISTOLEIRO — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Domingo, 4 — às 15.30 e 21.30 horas; e Segunda-feira, 5 — às 21.30 horas — MALUCOS À SOLTA — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Os 50 anos da Empresa de Pesca de Aveiro

«Meio século nos rumos dos mares sempre com rumo ao progresso»

Na última sexta-feira, dia 26 de Maio findo, a Empresa de Pesca de Aveiro comemorou os seus cinquenta anos de existência. Os actos festivos de tão expressiva efeméride decorreram nas instalações que a Empresa possui na Gafanha. E os seus quase oitocentos trabalhadores ali estiveram a testemunhar, com a sua presença, a grandeza daquela firma aveirense que, um dia, precisamente em 26 de Maio de 1928, Egas da Silva Salgueiro e mais treze industriais e comerciantes fundaram e expandiram ao ponto de ser hoje considerada das primeiras empresas do nosso País.

Presentes aos actos muitas entidades oficiais, entre elas: Dr. Vasco Neves, Secretário de Estado das Pescas; Dr. João Albuquerque, Presidente da Comissão Reguladora do Comércio do Bacalhau (que representava o Secretário de Estado do Comércio Interno); o Dr. Vasco Cruz, Director Interino do Planeamento Geral das Pescas; o Dr. Luís Torres, Presidente da Comissão do Instituto Português das Conservas de Peixe; o Dr. Manuel da Costa e Melo, Governador Civil de Aveiro; e os Presidentes das Câmaras Municipais de Aveiro e Ílhavo.

Recebido pelos Administradores da EPA, o Secretário de Estado das Pescas visitaria demoradamente as instalações, detendo-se com muito interesse na Fábrica de Conservas, onde o Eng.º Paulo Seabra lhe daria conta de que estão a ser investidos cerca de 120 000 contos com a aquisição de um navio atuneiro — o «Rio Águeda» — pronto a largar para a pesca, e novos equipamentos para a Fábrica que mecanizam e automatizam ainda melhor este importante sector da vida da EPA, e ainda importante complexo frigorífico, com grandes câmaras de conservação e linhas de processamento de peixe e tanques de congelação para sardinha, cavala e carapau, em salmoura, e filetagem e fumagem de peixe.

Cerca do meio-dia, o Prior da Freguesia da Gafanha da Nazaré, Rev.º Padre Miguel Lencastre, acolitado pelo Padre António, celebraria Missa de sufrágio por alma dos fundadores da Empresa e dos trabalhadores já falecidos. Antes do início da Eucaristia, que foi abrilhantada por um magnífico coral, constituído por funcionários da EPA — homens e mulheres — e ensaiado pelo Padre brasileiro António Maria Borges, (e tão bem se exibiu que o Governador Civil, no final, e propositadamente, foi felicitar os componentes), o Padre Miguel Lencastre pronunciou estas palavras: «/.../ não podemos esquecer aquelas pessoas que, desde o início, souberam também entregar-se com todo o afinco e que o Senhor já chamou para sempre. Vamos distinguir particularmente o sr. Egas Salgueiro: ele foi o grande impulsionador desta casa, dando-lhe possibilidades para que nós chegássemos a esta realidade /.../».

Como nota de reportagem, digamos que na fila da frente se encontravam os srs. Governador Civil, Secretário de Estado das Pescas, Eng.º Hernâni Salgueiro, Eng.º Paulo Seabra, Murilo Marques e Dr. Valle Guimarães; e, quando o sacerdote convidou todos os presentes a saudarem-se «na Paz do Senhor», foi consolador ver toda aquela fila a cumprimentar-se e a saudar-se. A nosso lado alguém murmuraria: «Os homens de bem sabem dar as mãos quando o espírito é bom».

Depois, foi o almoço de confraternização. Na altura própria falariam os srs. Pedro Gangeon Ribeiro Lopes, Presidente da Assembleia Geral da EPA, Dr. Costa e Melo, encerrando o Secretário de Estado das Pescas.

Pela riqueza de pormenores e até pela beleza da linguagem, transcrevemos parte do importante discurso do Sr. Pedro Grangeon:

Muito sensibilizados, dirigimos a V. Ex.ªs as nossas saudações e agradecimentos pela honra que nos dão vindo abrilhantar com a vossa presença esta festa comemorativa do cinquentenário da nossa Empresa.

Destacamos, como é de justiça, a comparência de V. Ex.ª, senhor Secretário de Estado, pelo significado que o facto comporta e provém do interesse que o Governo da Nação manifesta pelo crescimento e actualização do armamento e da técnica da indústria pesqueira, tanto mais que dia a dia se avolumam os entraves postos à exploração dos tradicionais pesqueiros internacionais, resultantes do alargamento das zonas económicas para as 200 milhas.

Realmente, não deve minimizar-se a necessidade urgente de reestruturar convenientemente o sector das pescas, para que possa melhorar em regularidade e abundância o abastecimento de peixe fresco, congelado ou seco. E isto só se alcançará, a nível nacional, com a existência de uma frota moderna, eficiente e bem apetrechada. A mão de obra, felizmente, possuimo-la nós, abundante e facilmente adaptável, não fôssemos nós um país de marinheiros!

Há 50 anos, Aveiro não passava de simpática e modesta cidadezinha; aqui, a Gafanha, era punhado de casitas espalhadas adrede na amplidão da planura de areia e verduras. A bordejar a estrada que leva à Barra, contavam-se pelos dedos as habitações; longos espaços desertos tornavam triste e enfadonha, a partir da antiga ponte de madeira, a viagem até à praia, feita no «char-à-bancs» da Clarinda, puxado por cavalos ronceiros, que faziam o percurso ensonados tal como o cocheiro, gordo e taciturno, que os guiava. É verdade que o troço da estrada desde Aveiro até àquela ponte se tornava regalo para os olhos por se desdobrar junto à Ria, sempre bela, e às marinhas — espectáculo fascinante pela profusão de montes de sal que se disseminavam, alvos e brilhantes, até perder de vista!

Onde tudo isso vai! Aveiro extravasou dos seus limites tradicionais, tenta quebrar peias que ainda a estorvam, e tornou-se a bela cidade que é nosso encanto. A Gafanha, é o que se vê: enxame de abelhas laboriosas e previdentes que cobrem, com o seu bulício, toda a ridente campina dantes quase deserta.

A Empresa de Pesca de Aveiro testemunhou e, de certo modo, viveu esse período de transformações e crescimento que à sua beira se processou. Sofreu, também, como é natural, um surto progressivo de expansão e construiu, ao longo destes anos, a sua própria história. É essa história — necessariamente condensada e resumida — que nos permitimos contar a V. Ex.ªs.

Era uma vez... precisamente no dia 26 de Maio de 1928, cumprem-se hoje 50 anos, soltava seus primeiros vagidos a Empresa de Pesca de Aveiro, sociedade por quotas, de responsabilidade limitada. Era um dia soalhento e calmo. Acabara de lavrar-se a escritura constitucional e achavam-se presentes, na circunstância, os sócios fundadores que, por sinal, eram 13: Egas Salgueiro, Alfredo Esteves, Jeremias Vicente Ferreira, Albino Pinto de Miranda, de Aveiro; Bagão, Nunes & Machado, Lda., de Lisboa; Francisco Teixeira de Carvalho, Leonardo Coelho, Lda., Teixeira, F.º & C.ª, Lda., Gregório Rodrigues Pinto, Rodrigues Pinto, Lda., Narciso Pinto Loureiro, Cardoso, Rego & C.ª, Lda. e Dr. Américo Teixeira, do Porto. Nenhuma das pessoas que intervieram na escritura é hoje, infelizmente, do número dos vivos.

Presidira ao acto, como convinha, a figura distinta do notário Dr. André dos Reis, não fosse faltar alguma vírgula, esquecer algum pormenor, escapar qualquer formalidade, embora mínima, para que a nova sociedade se apresentasse na vida rodeada dos requisitos indispensáveis à sua legal subsistência. Tudo decorreu naturalmente, sem complicações nem atropelos; e no semblante de cada um dos presentes lia-se satisfação e esperança!

O capital social da Empresa era de 1.000 contos. Constituia soma razoável para o tempo.

Em Outubro de 1932, ocorreu a saída dos sócios do Porto, com excepção de um, e entraram para a sociedade Lívio Salgueiro e Pedro Grangeon. Mais tarde, em Julho de 1936, o capital aumentou para 5.000 contos e passaram a fazer parte da Empresa os sócios D. Diogo, D. Luís e D. Maria Passanha, Carlos Roeder, Leonardo Carvalho, António Salgueiro, Francisco Lopes e Henrique Ratto.

Seis anos mais tarde, em Março de 1942, subiu o capital para 10 000 contos, entrando para sócio o Dr. Manuel Esteves. Em Dezembro de 1946, nova escritura de alteração de capital, elevando-o para 20 000 contos, aparecendo novamente como sócios o Dr. Américo Teixeira e Narciso Loureiro, do Porto. Em Dezembro de 1949, passa para 30 000 contos o capital da firma. Finalmente, por escritura de 24 de Agosto de 1966, a Empresa transforma-se em sociedade anónima, com o capital de 90.000 contos, que ainda hoje se mantém.

— x —

A traços largos, referimos a vida orgânica da nossa Empresa. Damos a seguir, também sucintamente, o panorama da sua vida operacional através destes 50 anos.

O primeiro barco adquirido pela Empresa, foi o lugre «Santa Joana», ao qual se juntaram os lugres «Santa Isabel» e «Santa Mafalda», construidos nos Estaleiros de Mestre Manuel Mónica, da Gafanha. Os três lugres, todos de madeira, eram considerados na altura, bons navios... O que diriam hoje?!

— x —

Corria o ano de 1929. Garbosos e afoitos, os três veleiros riscam na Ria esteiras de saudade, enfiam à Barra e, velas enfunadas, branquejando adeuses, lançam-se no Atlântico, liso, azul, acolhedor, afastam-se de terra e perdem-se, pouco a pouco, nas lonjuras... Até quando?!

Rolam os dias — surgindo, uns, de auroras de virginal pureza para acabarem em saturnal de cores, na agonia lenta dos ocasos, outros, nascendo e morrendo tristes e cinzentos, sem lampejos de sol que venham alegrar a terra! Passam semanas, decorrem os meses e vai crescendo a ânsia no peito de quem cá ficou. À esperança de hoje, segue-se o desânimo de amanhã... Quem sabe as surpresas que o mar trará?!... Notícias, só raras... quando algumas chegam!

Como decorre a pesca? Foi o mar avaro? Que graves interrogações! Fá-las o armador, na humana inquietação dos interesses materiais...

O filho, o marido, o pai? Cavaleiros da aventura, perdidos na imensidão dos mares distantes, que é feito deles? Pesadelo torturante e fixo no coração das mães, das esposas, das filhas, todas de negro vestidas desde que saía a Barra até que o barco voltava!

Mas um dia, Setembro fora, ainda manhãzinha a lucilar estrelas, o senhor Jeremias, Cabo de Mar, com seu olhar de lince divisa ao longe, muito ao longe, pontinho negro na risca do horizonte. E logo os vaticínios vinham, exaltados e fogosos, pôr nos espíritos fagueiras esperanças e ternas alegrias! — «É o «Santa Mafalda», dizia convicto... E ninguém o arredava da ideia peregrina. Alvoroço, nervosismo, satisfação, tudo de mistura no seu gesto largo, convincente e eufórico.

Dobavam-se as horas, formavam-se as marés, e o ponto negro, ao levantar a bruma, perdia-se nas funduras... Decepção, mágoa mal contida, ilusão desfeita... Paciência!

Noutro dia, vésperas de águas vivas, manhã a despontar o bom do senhor Jeremias, estátua viva na solidão da Meia-Laranja — como de costume, quer chovesse, quer ventasse — prescrutava os longes com minúcia atenta. E ei-lo que se agita. Na praia deserta ecoa um grito, que não pode ser contido! — «É o «Santa Isabel», que demanda a Barra!» E corre, célere a espalhar a nova!

Na distância, para cá da linha que separa do mar o céu, lá vinha, todo ufano, um barco à vela. E mais atrás outro e outro! Acercavam-se da terra, bolinavam pela costa, ao norte, ao sul, como que a mostrar-se em garridices de dama vaidosa, e lançavam ferro à espera da maré.

Começava, então, a preocupação da barra. Mestre Maio, da Corporação dos Pilotos, debruçado da amura do «Vouga», mergulhava a vara aqui e ali, ditando números de estarrecer: dez, doze pés... no colo da maré! E lá se passava a tarde, e lá se fiava o dia em espectativa vã. A barra não dava entrada! Testas enrugadas, lábios descaídos, e vá, por fim, de dar a ordem dolorosa: — «Sigam para o Porto...» E os veleiros insensíveis, de velas desfraldadas, esfumavam-se lentamente na neblina doirada do entardecer! E depois, do Douro, aliviada a carga, lá voltavam, submissos, ao ancoradouro da Gafanha...

Eram esses os tempos heróicos desta andança das lusas gentes pelos mares do bacalhau. Em pleno século vinte, pouco se adiantara em técnica e progresso àqueles navegantes que primeiro se atreveram à pesca na Terra-Nova.

A pesca do bacalhau sofria ciclos de penúria bem conhecidos. A actividade da EPA principiou exactamente no transcorrer de um desses períodos. Foram anos terríveis para os armadores bacalhoeiros. Pescas mínimas, vultosos prejuízos amontoando-se assustadoramente em cada ano que passava. Quantos, exaustos, desanimaram?! Amarrados aos ancoradoiros, não foram poucos os veleiros que se quedaram a apodrecer nos portos. A asa negra da ruína roçava, pesadamente, pela indústria de tão fundas tradições no nosso País. Esquecida dos poderes públicos, guerreada ferozmente pelos magnates estrangeiros que na Nação tinham mercado excepcional para o seu produto, sangrada na sua economia, sossobrava, em paciente abandono, a pesca portuguesa do «fiel amigo»!

Quando o desalento alastrava à sua roda e eram profundas e dolorosas as próprias feridas deixadas pela luta, ameaçador e incerto o panorama do futuro, coube à nossa Empresa um gesto de audácia: ordenar aos seus navios que seguissem mais ao norte, na trilha dos estrangeiros. E a flâmula da EPA pôde, então, nesse ano de 1931, desfraldar-se, esperançosamente, ao sabor da brisa dos mares linginquos e frios da Groenlândia, e abrir caminho redentor à frota portuguesa.

Este alargamento inédito do raio de acção dos nossos bacalhoeiros, veio criar novos e inesperados problemas. Naquelas paragens sucediam-se períodos largos de calmaria, e a mobilidade dos veleiros era muito prejudicada por esse facto. Então, num esforço titânico, dotaram-se os navios com motores auxiliares! Ai! quanta crítica mesquinha, quanto riso furtivo... logo que a novidade se espalhou! Mas os veleiros aparelharam e seguiram seu destino em tempo normal. Levavam no bojo ajuda poderosa. Jamais a calmaria, depauperante e arreliadora, os deixara imóveis, dias após dias, presos aos bancos falhos de peixe. Libertos das cadeias e caprichos do deus Eólo, tomaram alma nova e, nervosos e contentes, correram a bel-prazer os mares que mais convinham. Teimaram, e venceram!

Entretanto, o Estado começara de olhar com mais atenção a pesca do bacalhau. E tomou medidas ajustadas para a sua defesa, protegendo-a como convinha aos altos interesses nacionais. Com o seu apoio e mais cuidada orientação, novos horizontes se abriram à indústria bacalhoeira.

— x —

Foi no ano de 1935 que o Gerente da EPA submeteu à apreciação da assembleia geral dos seus sócios, a proposta para a construção de um navio de arrasto destinado à pesca do bacalhau. Ideia revolucionária, causou no meio sensação e pasmo. Novas críticas mordazes, falatório em barda! Tanto ou tão pouco que até as instâncias oficiais se sugestionaram e receberam com grande reserva e relutância o pedido de construção. E houve que lutar afincadamente para conseguir a aprovação, embora condicional, dos planos do navio. Superadas, enfim, as dificuldades burocráticas, foi o navio mandado construir na Dinamarca. Em 1936, chegava a Portugal o novo «Santa Joana» de linhas modernas, porte gentil, que a todos encantou. E a seu tempo lá partiu, em viagem experimental que, aliás, não decorreu brilhante. Mas voltou e teve êxito assinalado.

Eis, meus senhores, como a nossa Empresa, de início fortemente contrariada em seus intentos, acabou por ver imitada, seguida e consagrada a prática de uma modalidade nova de pesca da qual foi a pioneira em Portugal!

Veio, logo atrás, ainda em 1936, o «Santa Princesa», arrastão reconstruido por gente nossa. E depois, mais outros: o «Santa Mafalda», o «Santo André» e o «São Gonçalinho», que iniciaram a pesca em 1948. Em 1958 constrói-se o «Rio Alfusqueiro», navio de linha, posteriormente transformado em arrastão.

Anos passados, em 1965, é lançado à água, em São Jacinto, o arrastão pela popa «Santa Isabel» e, em 1966, o seu irmão gémeo «Santa Cristina». Em 1968, aos Estaleiros da Lisnave, foi encomendado novo arrastão pela popa, o «Santa Mafalda», que seguiu para a pesca em 1969.

Recentemente, a EPA manda construir, em Viana do Castelo, três navios polivalentes, para a

Continua na pág. seguinte

Importante publicação de CARLOS CANDAL

No dia 26 de Maio findo, em reunião, sem formalismos, no Hotel Imperial, o Deputado socialista Dr. Carlos Candal deu a conhecer aos órgãos de Imprensa o lançamento do livro, que recentemente editou, «Constituição da República Porutuguesa e Declaração Universal dos Direitos do Homem».

Sem quaisquer pretensões intelectuais, segundo as palavras do próprio Dr. Candal, tratando-se simplesmente de um livro de consulta — particularmente valorizado por um utilíssimo índice ideográfico da Constituição, com cerca de 7000 entradas —, a presente obra é ainda complementada pela Declaração Universal, cuja publicação se justifica no teor do n.º 2 do art.º 16.º da própria Constituição e, ainda, por assumir particular significado numa altura em que ocorre o seu 30.º aniversário, que dentro de meses se registará.

Em conversa amena, depois de serem abordados, genericamente, temas de política, o Dr. Candal acabaria por frisar o inegável mérito e importância da Constituição Portuguesa, como salvaguarda das conquistas de Abril.

Às perguntas que lhe foram feitas por alguns dos presentes — uma ou outra normalmente embaraçosa — o Dr. Carlos Candal respondeu prontamente e com a clareza e lucidez que lhe são peculiares, deixando o auditório perfeitamente elucidado sobre dúvidas ali postas.

Essencialmente de relevar é o facto de que a publicação agora dada à estampa constitui preciosíssimo elemento de consulta para quantos se interessam pelos problemas políticos, sociológicos e jurídicos que se inserem no vasto âmbito da respectiva temática — diremos mesmo: o volume, compreensivelmente destinado a uma larguíssima divulgação, é, pelas facilidades de consulta que proporciona, elemento indispensável a quem careça de ser rapidamente esclarecido sobre a importante problemática político-social da vida portuguesa (e não só) dos nossos dias.

H. Vaz Duarte

OS 50 ANOS DA EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO

Continuação da pág. anterior

pesca longinqua: o «Murtosa», o «Pardelhas» e o «Calvão». Destinados à pesca da pescada nas costas da África do Sul e da Namíbia, ali deram início à sua faina em 1967 e 1977.

No ano passado, a EPA comprou em França o navio atuneiro «Rio Águeda», ex-«Cap Saint-Paul». É o primeiro barco deste género no nosso País. O atum pescado por esta esta unidade é destinado ao abastecimento da nossa fábrica de conservas que, em parte, tem sido feito à custa de importações.

O montante dos investimentos destinados à construção dos navios polivalentes exeedeu os 350 mil contos.

Outras modalidades de pesca foram tentadas pela EPA, com mais ou menos êxito. Por exemplo: a pesca por arrastões costeiros; a pesca da sardinha, por traineiras; e a pesca do atum com dois atuneiros que, mais tarde, foram cedidos para Angola.

Como complemento natural das suas actividades pesqueiras, dispõe a EPA de amplas instalações em terra, tais como: secagem artificial para o bacalhau pescado; 15 câmaras de conservação de bacalhau, com capacidade total para 200 mil quintais; 5 câmaras frigoríficas comportando, no conjunto, 850 toneladas de peixe congelado; a Fábrica de Conservas, devidamente apetrechada; oficinas metalúrgicas e eléctricas; carpintaria; oficina de redes, armazéns diversos, etc.

Vai a Empresa construir brevemente um grande complexo frigorífico, dispondo de 4 câmaras com capacidade total para 6 mil toneladas de peixe congelado, e devidamente preparado para a filetagem e outro processamento desse peixe.

Com este apontamento que aqui vos deixámos, pretendemos dar-vos, meus senhores, uma ideia do que foi a operosa actividade desenvolvida pela EPA nestes 50 anos que hoje se perfazem.

— x —

É impossível, meus senhores, falar-se da Empresa de Pesca de Aveiro sem que a cada momento se não imiscua nas nossas ideias, nas nossas recordações, até mesmo neste ambiente, a figura de Egas Salgueiro. Todos estes recantos, todos estes lugares, todo este labor que fez surgir do nada a Obra que aqui temos, estão, por assim dizer, amalgamados com a sua presença, as suas canseiras, as suas esperanças, as suas mágoas, a sua energia, os seus sonhos, a sua vida de trabalhador incansável, e argutot e audacioso homem de negócios. Se alguém trabalhou dedicadamente no progressivo erguer desta Obra — e é certo que muitos foram —, Egas Salgueiro foi o primeiro de todos. Nem de noite a Empresa lhe saía do pensamento. Ela era, por assim dizer, uma obcessão, um tesouro que avidamente trazia sempre consigo, bem junto do coração! Deu-se todo a ela!

Quando novo, nos começos da EPA, era vê-lo, manhã cedo, em pleno Outono, a caminho da seca, pedalando estrada fora montado na bicicleta... Quase sempre o regresso se dava já noite feita. Cheirava, então, a bacalhau por todos os lados! Para ele, não havia horários de trabalho e como era disciplina que a si mesmo se impunha, por necessidade e por gosto, muitas vezes lhe causava estranheza que colaboradores seus não o imitassem de boa mente!...

Certamente peca, por breve e descolorido, o esboço do grande obreiro desta Empresa que aqui registamos como preito da justiça e gratidão que lhe são devidas! Tem, porém, o mérito da sinceridade.

— x —

Seria incorrecção, que não poderíamos cometer, não referir também os nomes daqueles que tão prestantemente acompanharam Egas Salgueiro na caminhada árdua da vida desta sociedade e desapareceram já do nosso convívio.

Em primeiro lugar, destacamos Alfredo Esteves, amigo franco e dedicado, companheiro arrojado e animoso, intransigentemente a seu lado, mesmo nas horas amargas da insegurança ou do revés. É individualidade a quem esta Casa não pode esquecer e que recordamos com saudade.

Outro sócio que dedicadamente, diremos melhor que fanaticamente seguiu Egas Salgueiro na caminhada da EPA, foi Jeremias Vicente Ferreira. Era bengala segura a que podia arrimar-se sem receio, e fê-lo muita vez.

Não esquecemos Augusto Bagão e David Nunes, gerentes da firma Bagão - Nunes & Machado, Lda., que foram elementos de intervenção activa e prestante na vida da Empresa.

Não queremos deixar de referir o nome de Carlos Roeder, que tomou parte destacada na fase da mudança do sistema de pesca tradicional para o de arrasto, e durante algum tempo colaborou como técnico da EPA.

E abandonamos, nesta altura, o propósito de só nos referirmos a sócios desaparecidos, para lembrar D. Diogo d'Affonseca Passanha que, em momento difícil desta Empresa, a ajudou financeiramente e possibilitou a entrada para sócios de seus filhos D. Diogo, D. Luís e D. Maria Passanha. Recebeu a EPA, daquele senhor, muitas provas de interesse e simpatia que julgamos merecerem esta referência.

Não podemos, tão pouco, deixar de citar aqueles colaboradores - - trabalhadores, já desaparecidos, que tão largamente contribuiram com o seu esforço para o êxito desta Empresa.

Referimo-nos aos três primeiros capitães dos navios da EPA, Manuel dos Santos Labrincha, João Ventura da Cruz e Francisco dos Santos Calão, não esquecendo o capitão António Trindade da Silva Paião que, não sendo da fundação, serviu a Empresa muitos anos.

— x —

Durante as cinco décadas decorridas, alguns foram os sócios, accionistas e trabalhadores que desapareceram para sempre. Constituiram todos eles, de uma maneira ou de outra, pedras necessárias no erguer desta estrutura. Para todos eles deixamos aqui expressa uma palavra de saudade.

— x —

Dos trabalhadores que serviram a EPA desde o seu começo, apenas restam dois: Júlia Rocha, já reformada, e José Fernandes Filipe Caleiro, o Zé Valente, cujo valimento e dedicação nos apraz registar.

E, finalmente, não queremos deixar de significar a todos os actuais trabalhadores, sem distinção de categorias ou sectores, o apreço, a estima e o reconhecimento que lhes são devidos pelo labor esforçado e proveitoso que têm desenvolvido e muito tem contribuído para o progresso desta Empresa.

Todos unidos, de mãos dadas e em boa paz, prossigamos confiantes o desempenho das tarefas que nos cabem para que possa continuar e progredir esta Obra que todos ajudámos a criar. São estes os votos muito sinceros que nos permitimos formular.

Estas comemorações do cinquentenário da Empresa de Pesca de Aveiro deram ainda ensejo a que o Secretário de Estado das Pescas se pronunciasse sobre uma urgente e necessária revisão das pescas portuguesas, acrescentando que «a nossa frota, com algumas excepções — como é o caso desta empresa — é um conjunto de sucata de madeira ou de ferro que tem de ser rapidamente modificada. Para isto tem de haver um plano e nós estamos a estudar intensamente a fixação de um plano do sector pesqueiro que passará a ser, não um plano governamental, mas um plano nacional, para que a todos os níveis do Governo, dos armadores, dos pescadores, se saiba qual vai ser o futuro das pescas no nosso país e depois fixarmos que tipo de barcos é que vamos necessitar».

O ELOGIO DO GOVERNO

O Secretário de Estado das Pescas, Dr. Vasco Neves, instado pela nossa reportagem a pronunciar-se sobre a Empresa de Pesca de Aveiro, fê-lo desta maneira:

«Eu penso o que toda a gente pensa: que esta Empresa julgo ser, se não a primeira, pois não me atrevo a fazer comparações, das primeiras empresas de pesca privadas e, portanto, é evidente que, na renovação que o sector das pescas tem que ter, o sector privado terá uma palavra muito importante a dizer; e nós verificámos ainda hoje, nesta visita que acabamos de efectuar, que esta empresa é um exemplo de unidade, de união, de trabalho; contamos imensamente com o sector privado — e a Empresa de Pesca de Aveiro, sendo das primeiras, se não a primeira, é um exemplo para todas as outras, sendo fundamental para a reconversão das nossas pescas. Estou imensamente bem impressionado com a EPA porque, se já a conhecia, nunca tinha visitado tão particularmente as suas instalações, como hoje o fiz; e, efecivamente, isso excedeu a boa impressão que eu já tinha, o que é extraordinário».

MEDALHA DE OURO PARA «MESTRE ZÉ»

A administração da Empresa de Pesca de Aveiro quis distinguir os seus trabalhadores mais antigos, ofevas. Estas, executadas sob concepção e desenho do Director deste semanário, mostram, no reverso, um navio e motivos aveirenses (salinas, a Ria, gaivotas) tendo esta legenda: «MEIO SÉCULO NOS RUMOS DOS MARES SEMPRE COM RUMO AO PROGRESSO»; no anverso, o pavilhão-sigla da EPA e a lusão à efeméride.

Uma medalha de ouro seria entregue a José Fernandes Filipe Caleiro, conhecido por «Mestre Zé», e que na Empresa trabalha desde a sua fundação; de prata, foram conferidas aos que contam mais de 25 a 50 anos de serviço na EPA; e de bronze aos que contam de 10 a 25 anos.

Convirá dizer que o «Mestre Zé» desempenha as suas funções em terra, mais propriamente nas oficinas da seca da Gafanha.

Conclui na pág. seguinte

Continuação da última página

FUTEBOL

BEIRA-MAR na Divisão maior

— Vencedor da Zona Sul - Famalicão. 6.ª jornada (9/Julho) — BEIRA-MAR- -Vencedor da Zona Sul.

□

Em apontamento final, registamos que, logo na segunda-feira passada, foram recebidas mensagens de parabéns na sede do Beira-Mar, assinalando o seu regresso à I Divisão.

Dois clubes sobejamente conhecidos — Vitória de Setúbal e Sporting de Braga — e uma colectividade modesta, do nosso Distrito — Grupo Desportivo de Paradela do Vouga — foram os remetentes.

Trata-se de mera curiosidade, apenas isso, a nútula que deixamos aos leitores, em fecho do presente apontamento.

Aveiro nos Nacionais

III DIVISÃO

SÉRIE B

Resultados da 28.ª jornada

CUCUJÃES - Amarante	3-2
BUSTELO - Sampedrense	3-1
Vilanovense - VALECAMBRENSE	0-0
Infesta - Paredes	0-2
Freamunde - Salgueiros	1-0
Lamego - Avintes	2-0
Leverense - OLIVEIRENSE	3-2
Perosinho - ARRIFANENSE	1-0

Classificação actual

Salgueiros, 45 pontos. Paredes, 44. OLIVEIRENSE, 39. Leverense, 32. Lamego, 31. Amarante, 30. Avintes, 29. Infesta, 27. VALECAMBRENSE, 26. BUSTELO, 25. Vilanovense, 23. CUCUJAES, 23. Perosinho, 21. ARRIFANENSE, 19. Sampedrense, 8.

Próxima jornada (domingo)

CUCUJAES - ARRIFANENSE, Amarante - BUSTELO, Sampedrense - Vilanovense, VALECAMBRENSE - Infesta, Paredes - Freamunde, Salgueiros - - Lamego, Avintes - Leverense e OLIVEIRENSE - Perosinho.

SÉRIE C

Resultados da 28.ª jornada

Febres - Ançã	2-1
Tondela - Tocha	1-1
Viseu Benfica - OLIV. BAIRRO	1-1
Gouveia - Gonçalense	2-1
Guarda - ALBA	2-1
ANADIA - Naval	5-2
Covilhã Benfica - Molelos	0-2
Marialvas - Carapinheirense	1-0

Classificação actual

OLIVEIRA DO BAIRRO, 45 pontos, ALBA, 38. Gouveia, 36. Tondela, 33. Viseu e Benfica, 32. Guarda, 31. Naval, 29. ANADIA, 28. Ançã, 27. Tocha, 26. Marialvas, 26. Febres, 25. Molelos, 25. Carapinheirense, 21. Covilhã e Benfica, 13. Gonçalense, 13.

Próxima jornada (domingo)

Febres - Carapinheirense, Ançã - - Tondela, Tocha - Viseu e Benfica, OLIVEIRA DO BAIRRO - Gouveia, Gonçalense-Guarda, ALBA - ANADIA, Naval - Covilhã e Benfica e Molelos - - Marialvas.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 41 DO «TOTOBOLA»

11 de Junho de 1978

1 — Estoril - Setúbal	1
2 — Porto - Braga	1
3 — Feirense - Académico	2
4 — Riopele - Benfica	2
5 — Sporting - Portimonense	1
6 — Belenenses - Espinho	X
7 — Guimarães - Boavista	1
8 — Marítimo - Varzim	1
9 — Paços Ferreira - Fafe	1
10 — Gil Vicente - A. Lordelo	1
11 — Marinhense - Ac. Viseu	X
12 — Almada - Barreirense	X
13 — Montijo - Juventude	1

Futebol de Salão

Torneio de «Os Cravas»

desta noite, com o seguinte programa geral de jogos:

5.ª jornada (hoje) — C. C. D. da Empresa de Pesca de Aveiro - Arla, Carnave - Galeria Borges, Zeus - Drogaria Central e C.T.T. - Top Card.

6.ª jornada (dia 6) — Magriços-A - - Belsan, Bombeiros Velhos - Vinhos de Vila Real, Soares & Soares - Bombeiros Novos e Satélites - Stave.

7.ª jornada (dia 7) — Café Marques - Café Ding-Dong, C.A.T. dos Servidores do Município - Traineira & Pata, Hotel Arcada - Convivas e Bairro de Sá - B. I. A.

8.ª jornada (dia 7) — Paga-Pouco - Os Infantes, Café Centrolar - Sodeco, Paula Dias - Bairro Serrado e Faianças Primagera - Fábricas Aleluia.

9.ª jornada (dia 8) — Campos-Modas - Unimar, Café Tako - Fidec, Luzostela - Oficina António Oliveira e Electro-Agil - Café Vouga.

Em várias modalidades

VELA e REMO no «Dia da Marinha»

Em Aveiro, integradas na comemoração do «Dia da Marinha», em 10 de Junho, vamos ter provas de vela e de remo — nelas tomando parte tripulações das Escolas da Direcção-Geral dos Desportos, do Clube dos Galitos e do Sporting de Aveiro.

O programa das competições está a ser elaborado.

XADREZ

Torneio das «Festas da Cidade»

Como na devida altura noticiámos já, disputou-se, na noite de 15 de Maio passado, no salão da sede do Clube dos Galitos, a primeira das três «mãos» do Torneio de Xadrez integrado no programa das «Festas da Cidade».

Competiram equipas representativas do Galitos (uma turma jovem e homogénea) e do Sporting de Aveiro (uma formação heterogénea, que incluía desde um jovem de 11 anos, João Lopes, a um «veterano» de 72 anos, Dr. Luís Regala, além de um elemento feminino, Virgínia Cunha) — acabando os «leões» por triunfar, por 6-2, com os seguintes resultados gerais:

Francisco Silva (Galitos), 0 - Lopes Fonseca (Sp. Aveiro), 1. José Sarmento (Galitos), 1 - Virgínia Cunha (Sp. Aveiro), 0. Manuel Antunes (Galitos), 0 - João Lopes (Sp. Aveiro), 1. José Gamelas (Galitos), 0 - Dr. Luís Regala (Sp. Aveiro), 1. Acácio Ravara (Galitos), ½ - Fonseca Lopes (Sp. Aveiro), ½. Paulo Souto (Galitos), 0 - Carlos Andias (Sp. Aveiro), 1. Arménio Figueiredo (Galitos), 0 - - João Marinheiro (Sp. Aveiro), 1.

Edital

COOPERATIVA MILITAR DE AVEIRO, EM LIQUIDAÇÃO

ÁLVARO MARQUES DE ANDRADE SALGADO, Coronel de Infantaria na situação de reserva, Comandante Militar de Aveiro e Presidente da Comissão Liquidatária da Cooperativa Militar de Aveiro, faz saber que nos termos do Despacho do CEME, de 11 ABR 78 se encontra em liquidação a supracitada Cooperativa.

Devem todos os credores desta Sociedade apresentar por escrito até ao fim do corrente mês em carta registada enviada ao Comando Militar de Aveiro, sito no Batalhão de Infantaria de Aveiro, nota explicativa dos seus créditos.

Aveiro, 10 de Maio de 1978

O PRESIDENTE DA COMISSÃO LIQUIDATARIA

a) — *Álvaro Marques de Andrade Salgado*

Os 50 anos da Empresa de Pesca de Aveiro

Conclusão da pág. anterior

HOMENS DO MAR NÃO FORAM ESQUECIDOS

Se os escritórios e as oficinas e as secas e os armazéns fazem parte de um todo que se tem de completar para que a vida da EPA não pare, se engrandeça, mais e mais, para bem desta Cidade e dos seus oitocentos trabalhadores, não há dúvida de que grande quota-parte dessa tarefa foi outorgada aos homens que, lá longe, na Terra Nova, na Noruega, nos mares africanos ou aqui, mais junto à costa, lutam com o mar, dele retirando o produto precioso que é o peixe, mola real da vida da Empresa.

E a Administração da EPA não os olvidou naquela hora grande da sua tão proveitosa vivência, endereçando-lhes um telegrama de homenagem, pois que, no dizer do Eng.º Paulo Seabra, a «Administração não se esquece do papel extraordinário dos homens que trabalham nos navios».

PIONEIROS DA GRONELÂNDIA

1929 é uma data célebre para a Pesca do Bacalhau Portuguesa. Pela primeira vez, os navios nacionais foram capazes de deixar os mares da Terra Nova e do Lavrador e irem por ali fora até aos grandes gelos da costa da Gronelândia. Era um risco que corriam. Mas era absolutamente necessário que o fizessem. E, se o não têm feito, talvez que estes cinquenta anos não estivessem a ser comemorados dentro de instalações de dimensão de empresa primeira de Portugal.

Não esquecendo que, atrás de si e durante muitas centenas de anos, homens humildes, e anónimos como eles, da Gafanha, da Fuzeta, da Póvoa e de Ílhavo, foram capazes de passar o Cabo Bojador, dobrarem o das Tormentas, chegarem à Índia, irem ao Brasil, a todo o Mundo onde era preciso levar a Evangelização da Fé Cristã e a Fraternidade dos Povos, também estes heróicos pescadores do «Santa Mafalda» e do «Santa Isabel» arrostaram com a intempérie e com o desconhecido (radares, sondas e outras sofisticações só viriam muitos anos depois) e para lá foram pescar.

E em boa hora o fizeram, pois carregaram os seus navios e abriram uma nova etapa de prosperidade às pescas portuguesas.

DEVOÇÃO E REGIONALISMO

Quem se tiver dado ao cuidado de acompanhar de perto (ou até não) a vida desta grande Empresa verificará com curiosidade (muitos o farão com espanto!...) que os nomes dos navios, sejam eles rebocadores, lugres ou modernos arrastões, têm recebido nomes de santos e santas, venerados em terras aveirenses e de rios da região. Vejamos: «Santa Joana», «Santa Princesa», «Santa Mafalda», «Santo André», «S. Gonçalinho»; «Rio Alfusqueiro», «Foz do Vouga» — e outros que agora nos não ocorrem.

Presentemente, a EPA possui: três arrastões de bacalhau: «Santa Mafalda», «Santa Isabel» e «Santa Cristina»; três arrastões polivalentes, que têm dedicado a sua actividade, quase em exclusivo, nos mares do sul de África: «Murtosa», «Pardelhas» e «Calvão»; e o novo atuneiro, tipo cerco, congelador, «Rio Águeda».

JOSÉ NAIA

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que em 19 de Maio de 1978, de fls. 46 v.º a 48 v.º do livro para escrituras diversas D N.º 22, deste Cartório, foi lavrada uma escritura de Justificação, em que José Leite Tavares e mulher Rosa Dias Ribeiro, casados sob o regime da comunhão geral de bens, moradores no lugar de Taboeira, freguesia de Esgueira, deste concelho de Aveiro, e naturais, ela dessa freguesia e ele da freguesia de Cacia, também deste concelho, declararam que são donos com exclusão de outrem dos seguintes imóveis:

1.º — Terra de lavoura e sequeiro, com 70 cepas em latada, sita nas Arrotas de São Pedro, referida freguesia de Esgueira, a confrontar pelo norte com o prédio seguinte, sul com herdeiros de Miguel Nunes de Oliveira, nascente e poente com caminho, inscrita na matriz rústica sob o artigo 1760, com o valor matricial de 7.280$00.

2.º — Terra de lavoura de sequeiro com 75 cepas em latada, nos mesmos sítio e freguesia, a confrontar pelo norte com José Dias Ferreira, do sul com o prédio anterior, do nascente e poente com caminho, inscrito na matriz rústica sob o artigo 1761, com o valor matricial de 2.540$00;

— Formam ambos o prédio descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho sob o n.º 21 326 a fls. 124, v.º do livro B-58, descrição esta sobre que não incide qualquer inscrição.

— Estes prédios, que são confinantes entre si, vieram ao seu domínio e posse em consequência da doação feita à justificante mulher pelos pais desta, Gracindo Rodrigues Ribeiro e mulher Aurora Ferreira Dias, moradores no referido lugar de Taboeira, tendo a doação sido titulada pela escritura iniciada a fls. 61 v.º do L.º N.º 243-B do 1.º Cartório desta Secretaria.

— Por sua vez, o prédio indicado em primeiro lugar entrou no património comum do casal dos doadores em consequência da escritura de permuta lavrada neste 2.º Cartório, no dia 26 de Agosto de 1974, iniciada a fls. 65, do livro B-86, na qual foi cedido por Manuel Maria Rodrigues Ribeiro. E tanto este como o prédio atrás relacionado sob o número dois, resultaram do desmembramento em dois do prédio originário, com a aludida descrição na Conservatória e adjudicado, no todo, na proporção de metade para cada um dos ditos Gracinco Rodrigues Ribeiro e Manuel Maria Rodrigues Ribeiro — este também morador em Taboeira — na qualidade de netos de Teresa Rodrigues Dias, que também foi moradora no sobredito lugar de Taboeira, no inventário orfanológico a que se procedeu no Tribunal Judicial desta Comarca, cuja sentença homologatória da partilha, transitada em julgado, foi proferida em 2 de Abril de mil novecentos e vinte e nove.

Todavia, após o referido inventário, cada um dos ditos interessados começou a possuir exclusivamente uma das parcelas resultantes do desmembramento, — o Gracindo, aquela a que hoje corresponde o prédio atrás relacionado em 2.º lugar e o Manuel, a correspondente ao prédio relacionado em 1.º lugar — em consequência de divisão amigável, acordada em documento de que ignoram o paradeiro e seguiram tal acordo de posse em nome próprio, de boa fé, sem a menor oposição de quem quer que fosse desde o início e sempre fruiram cada uma dessas parcelas como entenderam, à vista de toda a gente, posse essa que se manteve com as apontadas características, já referidas, até à mencionada permuta e, portanto, por mais de 30 e até de 40 anos.

— Nestes termos não é possível aos justificantes demonstrar a propriedade e posse por cada um dos comproprietários originários das parcelas atrás referidas.

Está conforme ao original.

Aveiro, 24 de Maio de 1978.

O AJUDANTE,

a) *Luís dos Santos Ratola*

LITORAL - Aveiro, 2/6/78 — N.º 1202

Deploráveis ocorrências na QUINTA DO SIMÃO?

Com o pedido de publicação, foi endereçada ao director do *Litoral* uma cópia do abaixo-assinado dirigido, na sua data, ao Chefe do Distrito. Na carta de remessa diz-se que, até agora, «nada foi feito» — mas manifesta-se a esperança de que, neste caso como em todos, «as autoridades eleitas pelo Povo estarão ao lado do Povo». Eis o texto:

Exmo. Senhor Governador Civil do Disrito de Aveiro:

Os abaixo-assinados, todos residentes na Quinta do Simão, freguesia de Esgueira, concelho de Aveiro, vêm muito respeitosamente expor a V. Exa. o seguinte:

Em Julho de 1977, JOAQUIM PINTO, solteiro, tomou de trespasse um estabelecimento de taberna, sito na referida Quina do Simão, denominado «Cantinho dos Pinheiros».

Acontece que o mencionado Joaquim Pinto, logo que tomou conta do estabelecimento o transformou numa autêntica casa de prostitutas, com as inerentes consequências para os exponentes que são forçados a terem de suportar tal situação, em virtude das suas habitações estarem localizadas muito perto.

Aliás estes factos já são do conhecimento das autoridades competentes, pois esse estabelecimento já foi encerrado por esses mesmos motivos.

Simplesmente o citado Joaquim Pinto, usando das suas conhecidas habilidades, conseguiu reabri-lo em fins de Janeiro do corrente ano, mas agora como café, mantendo no entanto as características anteriores, ou seja casa de prostitutas.

Tal situação não se pode manter, pois é escandalosa, não se escondendo as mulheres que o frequentam e seus companheiros, de praticarem na via pública as cenas mais chocantes, como beijos, abraços, etc., etc., seguidas dos mais insultuosos palavrões.

Isto tudo à vista de toda a gente, incluindo crianças, sendo certo que as exponentes mulheres não podem sequer vir às portas ou janelas de suas casas, sob pena de assistirem a esses espectáculo ou até serem insultadas.

Tudo isto se passa durante o dia e até altas horas da noite.

De notar ainda, que as senhoras são difamadas e insultadas quando têm necessidade de saírem ou regressarem às suas casas pelos indivíduos que frequentam a mencionada casa.

Esta situação não se pode pos manter, dado que além do escândalo que provoca pode originar qualquer acontecimento trágico, entre os signatários e os indivíduos que insultam as suas mulheres.

Convém ambém salientar, que o referido proprietário da casa em questão já é useiro e vezeiro neste género de estabelecimentos, pois e além de outros, veio corrido de S. João de Loure, onde lhe encerraram uma casa idêntica.

Assim, vêm os signatários, muito respeitosamente, trazer ao conhecimento de V. Exa. estes factos, a fim de tomar as providências que julgar necessárias, confiados, como estão, no alto espírito de justiça de V. Exa.

Aveiro, 27-3-78.

(Seguem-se cerca de 70 assinaturas)

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

CERTIFICO, para publicação, que por escritura de 22 de Maio de 1978, de fls. 16 a 17 do livro de ecrituras diversas N.º 245-B, deste Cartório, outorgada perante o notário Lic. Jorge Manuel Baptista Ramalho Miranda, Luís de Jesus Marques cedeu a quota que possuía no capital da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «OLIVEIRA & MARQUES, LIMITADA, com sede nesta cidade de Aveiro na Rua São Sebastião n.ºs 97, 97-A e 97-C, renunciou à gerência e autorizou que o seu apelido continue a fazer parte da firma da referida sociedade.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra.

Aveiro, 29 de Maio de 1978

O Ajudante,

a) — *José Fernandes Campos*

LITORAL - Aveiro, 2/6/78 — N.º 1202

Supermercados CORTIÇO DOURADO, S.A.R.L.

Relatório, Balanço, Contas e Parecer do Conselho Fiscal — Exercício de 1977

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas:

Cumprindo as disposições legais e estatutárias, incumbe ao Conselho de Administração apresentar o Relatório, Balanço e Contas do exercício do ano de 1977.

Mesmo a debater-se, durante todo o exercício de 1977, com os problemas conjunturais tão conhecidos do Povo Português, e sem que o Governo tenha definido a sua política global no concernente ao comércio, continuou esta Empresa a seguir a mesma linha de actuação encetada em 1975.

Daí as melhorias que a situação da Empresa apresenta, muito embora, ainda não tenha sido possível, neste exercício, apresentar resultados positivos.

Continuamos, no entanto, absolutamente crentes que, se nenhum evento especial convulsione esta Empresa, aqueles serão conseguidos a muito breve prazo.

As vendas aumentaram em 4.883 contos em relação a 1976, tendo igualmente melhorado o lucro bruto, quer em termos percentuais, 20,19% contra 16,72% em 1976, quer em valores absolutos — 10.012 contos/ /7.436 contos.

O Passivo embora agravado em 1.399 contos, é plenamente justificado pelos stocks alcançados, em 31.12.977, 8.197 contos (+ 2.144 contos) que em 31.12.976. Este agravamento nos stocks foi motivado pelo facto das vendas em Dezembro terem sido inferiores ao previsto e ao que aconteceu em anos anteriores.

O Imobilizado que ascende a 12.488 contos — agravado no exercício em apreço pela aquisição de uma viatura para transporte de mercadorias, aquisição esta julgada absolutamente indispensável — tem, já no final deste exercício amortizações no valor de 4.766 contos.

No tocante a Despesas Gerais, verifica-se apenas um agravamento de 1.055 contos, em relação a 1.976, não esquecendo que a carga salarial provocou um aumento de 1.200 contos. Todas as outras rubricas sofreram diminuições como se pode ver pelo mapa de desenvolvimento de resultados do Exercício, sabendo-se, como se sabe, que é muito difícil conter as despesas. No entanto, conseguiu-se, só não sendo possível fazê-lo, na rubrica «Despesas c/ o Pessoal».

Senhores Accionistas:

A situação financeira da Empresa continua bastante frágil, não descrendo esta Administração, pesem embora as inúmeras dificuldades com que se debate, em lhe dar uma estabilização económica tão grandemente almejada, e quase conseguida.

Não querendo substituir por palavras, o que os números dos documentos evidenciam, diremos tão somente que, ainda não foi possível apresentar resultados positivos.

No entanto o prejuízo — 370 contos — é substancialmente diferente do de 1976 (1.481 contos), o que revela a recuperação que se tem feito e os parâmetros gestionários como se dotou esta Empresa.

A finalizar uma palavra de apreço e de gratidão a todos quantos deram a sua melhor colaboração no trabalho desta Empresa.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Tito de Carvalho Sabino
Carvalhos & Pinheiro, Lda.
Alberto Antunes Alves

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1977

Código das Contas	ACTIVO	Activo Bruto	Amortizações e Reintegrações	Activo Líquido
	DISPONIBILIDADES			
50	Caixa	12 153$00		12 153$00
51	Bancos	74 161$70		74 161$70
		86 314$70		86 314$70
	CRÉDITOS A CURTO PRAZO			
40	Fornecedores	295 952$10		295 952$10
41	Devedores e Credores	71 230$00		71 230$00
		367 182$10		367 182$10
	EXISTÊNCIAS			
30.00	Mercadorias — Armazém	4 279 204$00		4 279 204$00
30.01	Mercadorias — Loja - 1	2 393 991$00		2 393 991$00
30.03	Mercadorias — Loja - 3	1 524 431$00		1 524 431$00
		8 197 626$00		8 197 626$00
	IMOBILIZAÇÕES CORPÓREAS			
20	Instalações	4 402 142$10	1 999 013$50	2 403 128$60
21	Móveis e Utensílios	4 618 231$45	2 455 237$61	2 162 993$84
22	Veículos	773 345$00	137 333$32	636 011$68
25	Edifícios	1 500 000$00	130 000$00	1 370 000$00
		11 293 718$55	4 721 584$43	6 572 134$12
	IMOBILIZAÇÕES INCORPÓREAS			
23	Trespasse	1 150 000$00		1 150 000$00
24	Despesas de Constituição	45 128$20	45 128$20	—$—
		1 195 128$20	45 128$20	1 150 000$00
	CUSTOS ANTECIPADOS			
32	Despesas Antecipadas	40 000$00		40 000$00
		40 000$00		40 000$00
	SITUAÇÃO LÍQUIDA			
	RESULTADOS:			
81.01	Dos Exercícios Anteriores	10 829 292$95		10 829 292$95
81.00	Do Exercício	370 681$66		370 681$66
	TOTAL DA SITUAÇÃO LÍQUIDA	11 199 974$61		11 199 974$61
	TOTAL DAS AMORTIZAÇÕES		4 766 712$63	
	TOTAL DO ACTIVO			27 613 231$53
	CONTAS DE ORDEM			3 060 000$00

Código das Contas	PASSIVO	Passivo Líquido
	DÉBITOS A CURTO PRAZO	
40	Fornecedores	9 509 654$58
41	Devedores e Credores	3 954 502$05
42	Letras a Pagar	5 412 289$50
43	Livranças a Pagar	1 572 801$00
51	Bancos	2 531 334$40
		22 980 581$53
	DÉBITOS A MÉDIO E A LONGO PRAZO	
44	Credores p/Acções a Emitir p/Aumento Capital	1 487 650$00
		1 487 650$00
	CAPITAL E RESERVAS	
10	Capital Social	3 145 000$00
		3 145 000$00
	TOTAL DO PASSIVO	27 613 231$53
	CONTAS DE ORDEM	3 060 000$00

O TÉCNICO DE CONTAS
Raúl Alberto Machado Jorge

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Tito de Carvalho Sabino
Carvalhos & Pinheiro, Lda.
Alberto Antunes Alves

DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS LÍQUIDOS DE 1977

Código das Contas				
61	— COMPRAS			
	— Existências Iniciais			
	Mercadorias		6 053 582$90	
	— Compras			
	Mercadorias		41 714 117$00	
			47 767 699$90	
	— Existências Finais			
	Mercadorias		— 8 197 626$00	
	Custo das Merc. Vendidas			39 570 073$90
	— Subcontratos	75 001$10		
	— Fornec. Serv. Terceiros	1 381 337$10		
	— Impostos Indirectos	141 753$30	1 598 091$50	41 168 165$40
	— Impostos Directos	2 988$00		
	— Despesas c/ o Pessoal	7 100 446$30		
	— Encargos Financeiros	845 616$60		
	— Outros Custos ou Perdas	12 967$90	7 962 018$80	
	— Amortizações e Reintegrações do Exercício	996 376$06	996 376$06	8 958 394$86
				50 126 560$26
	— VENDA DE PRODUTOS			
	Mercadorias			49 581 451$70
	— Proveitos Financeiros		67 991$70	67 991$70
	— Proveitos Acessórios			106 435$20
				49 755 878$60
	— RESULTADO LÍQUIDO			370 681$66
				50 126 560$26

O TÉCNICO DE CONTAS
Raúl Alberto Machado Jorge

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Tito de Carvalho Sabino
Carvalhos & Pinheiro, Lda.
Alberto Antunes Alves

VI — Anexo ao Balanço e à Demonstração de Resultados

1 — Não existem elementos patrimoniais localizados no estrangeiro.
2 — Não existem participações estrangeiras no Capital Social.
3 — Não existem débitos que representem relações com o estrangeiro.
4 — Não houveram transacções comerciais directamente ao estrangeiro.
5 — Existe um débito a curto prazo de Esc.: 5 684 182$90 às duas únicas associadas, referente a compras de mercadorias, como abaixo de discrimina:

Marabuto & C.ª, Lda.	5 637 650$50
Carvalhos & Pinheiro, Lda.	10 532$40
	5 684 182$90

6 — Não existe qualquer movimento com relação a pessoas singulares ou colectivas, participante ou participada no Capital Social.
7 — Não houve débitos de sócios por Subscrição de Capital, nem de adiantamentos por conta de lucros.
8 — O critério valorimétrico adoptado para o Inventário físico a que se procedeu no fim do exercício, foi o do preço de custo.
9 — Não há créditos de cobrança duvidosa.
10 — Não houve créditos sobre o pessoal ou débitos a este.
11 — Não existe conta de «Imposto de Transacções».
12 — Despesas c/ o pessoal compreendem:

Ordenados e Salários	5 689 933$80
Encargos sobre remunerações	1 244 676$50
Outras despesas c/ o pessoal	165 836$00
	7 100 446$30

13 — Não existem fundos.
14 — Os valores globais dos créditos e débitos, titulados, encontram-se evidenciados no Balanço.
15 — Não existem elementos patrimoniais que se encontram onerados.
16 — Não há existências que se encontrem fora da Empresa.
17 — Não existem imobilizações corpóreas em curso.
18 — Neste exercício não houve movimento no Capital Social.
19 — O Estado não participa no Capital Social.
20 — A Participação dos Associados no Capital Social da Empresa são as seguintes:

Marabuto & C.ª, Lda.	17,33 %
Carvalhos & Pinheiro, Lda.	2,54 %

21 — Não há participações no Capital Social das pessoas colectivas ou singulares que detenham qualquer percentagem no Capital desta Empresa.
22 — Não existem amortizações no Capital Social.
23 — Não existem quaisquer acções, obrigações ou quotas de Capital em Sociedades.
24 — Não existem provisões.
25 — Responsabilidades da Empresa por Valores de Terceiros:

Garantias Bancárias	360 000$00
Avales prestados	2 700 000$00
	3 060 000$00

O TÉCNICO DE CONTAS
Raúl Alberto Machado Jorge

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Tito de Carvalho Sabino
Carvalhos & Pinheiro, Lda.
Alberto Antunes Alves

Continua na página seguinte

Supermercados CORTIÇO DOURADO, S.A.R.L.

Continuação da página anterior

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

Em cumprimento das disposições estatutárias, o Conselho Fiscal apresenta o seu parecer sobre o Relatório e Contas da Administração do exercício de 1977.

Diremos, em síntese, que o exercício de 1977 se caracterizou por dois aspectos distintos:

1 — recuperação promissora verificada no sector económico;

2 — no sector financeiro, embora se não tenha verificado qualquer recuperação em termos globais, conseguiu-se contudo suster e evitar que as carências de tesouraria que foram tónica do exercício de 1976 se agravassem ainda mais.

1 — SECTOR ECONÓMICO

A expectativa de recuperação económica que fundamentámos no nosso parecer relativo ao exercício de 1976 veio finalmente a concretizar-se.

Remetendo-nos à sua leitura, e sem qualquer desmérito para a acção naturalmente profícua da Administração, porque assídua e actuante, aceitamos também os índices de recuperação económica alcançados no exercício de 1977 como o corolário lógico da reestruturação dos sectores de compras e cálculo a que a empresa procedeu em 1976.

Aqui se explica a melhoria da margem bruta de vendas e os coeficientes explanados no Relatório da Administração.

Quanto aos stocks, que em condições ideais deveriam situar-se nos 6.500 contos face ao volume anual de vendas, é evidente que os 2.000 contos em excesso reflectem-se sempre no agravamento do Passivo.

Uma última nota sobre os custos totais de exploração.

Conquanto o seu agravamento em relação a 1976 tenha sido de 1.058 contos, como as vendas de 1977 foram superiores às do exercício transacto em 4.883 contos, os custos acabaram por representar 21,29%, ou seja, agravaram-se em mais 0,5%.

2 — SECTOR FINANCEIRO

A situação deficitária dos exercícios anteriores levanta sempre sérias dificuldades ao sector financeiro, como é óbvio.

E não se nos afigura viável ultrapassar esta situação a curto prazo, salvo se, a par de exercícios com resultados favoráveis se verificar também uma elevação do capital social.

Admitimos que o exercício de 1978 poderá ser decisivo, não só pela recuperação económica que se deseja mas também, e por via desta, pelo estímulo à necessária elevação do capital cujo processo a empresa iniciou já, embora sem o êxito desejado.

Pelo exposto, somos de parecer que o Balanço e Contas do exercício de 1977 devem merecer a vossa aprovação.

Aveiro, 31 de Dezembro de 1977

O CONSELHO FISCAL

Sebastião Dias Marques
Abílio Marques Henriques
Carlos Augusto da Silva

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª publicação

Faz saber que pelo 2.º Juízo de Direito desta comarca e 1.ª Secção de Processos e no processo de expropriação por utilidade pública n.º 83/78 que a Junta Autónoma das Estradas requereu contra Ilda Teixeira, viúva, residente em Chave — Gafanha da Nazaré e outros, correm éditos de trinta dias contados da data da segunda e última publicação deste anúncio, notificando os expropriados JOÃO DA COSTA RIBAU e mulher MARIA ADELAIDE DAS NEVES, ausentes em parte incerta de Angola e com último domicílio conhecido no País na Gafanha da Nazaré, da decisão arbitral proferida nos autos acima referidos, a qual atribuiu o valor de 51 287$50 à expropriação de uma parcela de terreno de lavradio com a área de 240 m2 e um poço a destacar de um prédio sito no lugar de Terra Nova, freguesia da Gafanha da Nazaré, inscrito na matriz sob o art.º 5304, podendo os notificandos nos termos do art.º 59 do Decreto Lei 845/76 de 11 de Dezembro, no prazo de oito dias findo que sejam o dos éditos, interpor, querendo, recurso da referida decisão arbitral, devendo nos termos do art.º 73 do citado Decreto Lei, com o requerimento de interposição de recurso exporem logo as razões da discordância com a decisão arbitral, oferecendo todos os documentos, requerendo as demais provas e designando o seu perito, não sendo admissível nos termos do n.º 2 do último artigo referido, prova testemunhal.

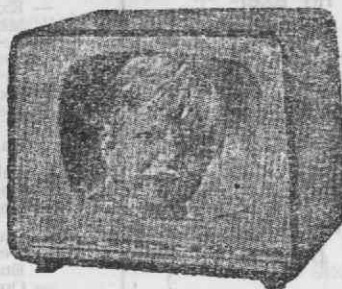
Aveiro, 13 de Maio de 1978.

O JUIZ DE DIREITO,

a) *José Alexandre de Lucena Vilhegas do Vale*

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

a) *António José Robalo de Almeida*

LITORAL - Aveiro, 2/6/78 — N.º 1202

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª publicação

Faz-se saber que no dia 22 de Junho, próximo, às 11 horas, no Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro e na Execução de Sentença, n.º 114-A/75, que Auto-Comercial de Aveiro, L.da, sociedade por quotas, com sede na Rua Engenheiro Oudinot, n.º 35, em Aveiro, move contra ANTÓNIO BENTO DOS SANTOS e mulher MARIA DA CONCEIÇÃO DA SILVA FERREIRA, ele comerciante e ela doméstica, residentes na Rua Visconde da Granja, n.º 13-B, em Aveiro, hão-de ser postas em praça, para serem arrematadas ao maior lanço oferecido, acima do valor indicado no processo, várias mobílias de quarto, sala de jantar, e um televisor com UHF, marca «Blaupunkt».

Aveiro, 15 de Maio de 1978.

O JUIZ DE DIREITO,

a) *Francisco Silva Pereira*

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

a) *António Miller Soares Ribeiro*

LITORAL - Aveiro, 2/6/78 — N.º 1202

ANÚNCIO

2.ª publicação

Faz-se saber que pelo 2.º Juízo de Direito, 1.ª Secção de Processos e na acção especial de divórcio n.º 45/78, correm éditos de trinta dias contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando a ré AMÉLIA PAIVA COSTA, casada, doméstica, ausente em parte incerta e com último domicílio conhecido na Avenida Miguel Bombarda, n.º 14-2.º Esquerdo na Amadora, para no prazo de VINTE DIAS findo que sejam o dos éditos, CONTESTAR, querendo, a acção especial de divórcio que lhe move Artur Pedro da Costa, enfermeiro, residente nesta cidade, cujo pedido se resume em que seja decretado o divórcio entre ambos com base na separação de vidas em comum há mais de vinte e três anos, não importando a falta de contestação a confissão dos factos articulados pelo autor, os quais são os constantes do duplicado da petição inicial que se encontra patente na Secretaria.

Aveiro, 13 de Maio de 1978.

O JUIZ DE DIREITO,

a) *José Alexandre de Lucena Vilhegas do Vale*

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

a) *António José Robalo de Almeida*

LITORAL - Aveiro, 2/6/78 — N.º 1202

DAR SANGUE É UM DEVER

BPA 1977

Balanço em 31 de Dezembro de 1977

Activo

DISPONÍVEL E REALIZÁVEL			
Caixa e Depósitos em Bancos Centrais	6 093 571 543$13		
Promissórias do Governo	2 122 250$00		
Depósitos à Ordem Noutros Bancos	552 478 809$90		
Correspondentes no País	63 983 825$39		
Correspondentes no Estrangeiro	1 396 909 222$00		
Ouro, Moedas e Notas Estrangeiras	224 122 654$19	8 333 188 304$61	
Operações Activas do Merc. Mon. Interbancário	1 700 000 000$00		
Depósitos a Prazo em Bancos	1 101 271 296$12		
Acções, Obrigações e Quotas	5 536 458 342$58		
Carteira Comercial	36 217 390 126$13		
Letras sobre o Estrangeiro	1 053 122 751$01		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	1 913 549 821$19		
Empréstimos a mais de um ano	1 644 044 768$19		
Devedores e Credores	14 321 595 271$45		
Outros Valores Realizáveis	9 302 597$65	63 496 734 974$32	71 829 923 278$93
IMOBILIZADO			
Participações Financeiras		1 093 506 295$93	
Despesas de Constituição e de Instalação			
Custo	159 302 294$22		
Amortização	59 514 876$44	99 787 417$78	
Mobiliário e Material			
Custo	286 101 451$43		
Amortização	130 473 704$79	155 627 746$64	
Imóveis			
Custo	676 124 812$32		
Amortização	81 620 616$94	594 504 195$38	
Outros Valores Imobilizados			
Custo	32 858 664$60		
Amortização	23 292 130$40	9 566 534$20	1 952 992 189$93
OUTRAS CONTAS DO ACTIVO			
Contas Transitórias e de Regularização			5 516 181 231$91
			79 299 096 700$77
CONTAS DE ORDEM			
Valores de Conta Alheia		12 115 886 572$47	
Valores Recebidos em Caução		16 718 229 054$89	
Devedores por Garantias e Avales Prestados	20 360 066 722$93		
Devedores por Aceites	45 514 096$20		
Devedores por Créditos Abertos	4 483 758 080$56	24 889 338 899$69	
Outras Contas de Ordem		10 637 317 461$06	64 360 771 988$11
			143 659 868 688$88

O RESPONSÁVEL DO DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE

Passivo

EXIGÍVEL			
Depósitos à Ordem	25 046 702 893$94		
Depósitos com Pré-Aviso	203 673 782$13		
Depósitos a Prazo	39 536 012 768$39	64 786 389 444$46	
Cheques e Ordens a Pagar	799 724 655$45		
Operações Passivas do Merc. Mon. Interbancário	—$—		
Exigibilidades Diversas	195 597 936$03		
Correspondentes no Estrangeiro	115 841 650$58		
Devedores e Credores	3 954 498 390$52	5 065 662 632$58	69 852 052 077$04
NÃO EXIGÍVEL			
Contas Transitórias e de Regularização		3 797 781 243$79	
Provisões		3 229 759 511$73	7 027 540 755$52
CAPITAL E RESERVAS			
Capital		1 159 000 000$00	
Reserva Legal		185 068 287$40	
Outras Reservas		965 445 337$67	2 309 513 625$07
RESULTADOS			
De Exercícios Anteriores		—$—	
No Exercício			
Correcções a Exercícios Anteriores	25 262 711$00		
Do Exercício	84 727 532$14	109 990 243$14	109 990 243$14
			79 299 096 700$77
CONTAS DE ORDEM			
Credores por Valores de Conta Alheia		12 115 886 572$47	
Credores por Valores Recebidos em Caução		16 718 229 054$89	
Garantias e Avales Prestados	20 360 066 722$93		
Aceites	45 514 096$20		
Créditos Abertos	4 483 758 080$56	24 889 338 899$69	
Outras Contas de Ordem		10 637 317 461$06	64 360 771 988$11
			143 659 868 688$88

O CONSELHO DE GESTÃO

Conta de Lucros e Perdas

Débito

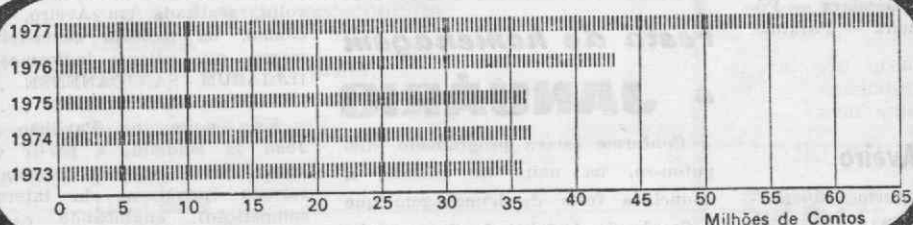
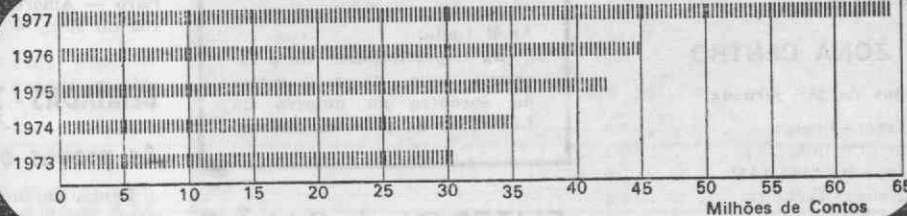
Juros a nosso Cargo		4 354 284 281$83	
Comissões a nosso Cargo		37 740 599$20	
Contribuições e Impostos		6 771 160$37	
Despesas com o Pessoal		1 243 508 577$64	
Despesas Gerais Diversas		283 442 736$06	
Encargos Diversos		11 694 190$06	
Dotações para Provisões	1 282 193 118$92		
Dotações para Amortizações	101 513 902$13	1 383 707 021$05	7 321 148 566$21
Saldo			109 990 243$14
			7 431 138 809$35

O RESPONSÁVEL DO DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE

Crédito

Juros a nosso Favor		5 857 098 454$69	
Comissões a nosso Favor		516 218 820$58	
Resultados em Operações Cambiais	806 916 394$47		
Resultados em Oper. sobre Títulos de Crédito	(25 427$61)	806 890 966$86	
Rendimento de Títulos de Crédito	214 268 833$23		
Rendimento de Imóveis	1 835 672$20	216 104 505$43	
Outras Receitas e Lucros		9 563 350$79	
Correcções a Exercícios Anteriores		25 262 711$00	7 431 138 809$35
			7 431 138 809$35

O CONSELHO DE GESTÃO

Depósitos

Crédito concedido

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

SEDE SOCIAL — PORTO - PRAÇA DE D. JOÃO I ■ **SEDE CENTRAL** — LISBOA - RUA DO OURO, 110 ■ **SUCURSAL EM PARIS** — 5-7, RUE AUBER - 75009 ■ **DEPENDÊNCIAS NO PORTO** — AMIAL ■ AREOSA ■ AVENIDA DA BOAVISTA ■ BONFIM ■ CAMPANHÃ ■ CENTRAL ■ CEUTA ■ GONÇALO CRISTÓVÃO ■ INFANTE ■ JÚLIO DINIS ■ PADRÃO ■ SÁ DA BANDEIRA ■ SANTA CATARINA ■ **DEPENDÊNCIAS EM LISBOA** — ALCÂNTARA ■ ALMIRANTE REIS ■ ALVALADE ■ AVENIDA ■ AV. FONTES PEREIRA DE MELO ■ AVENIDA DA REPÚBLICA ■ BENFICA ■ CAMPO DE OURIQUE ■ CAMPO PEQUENO ■ CAMPOLIDE ■ CONDE BARÃO ■ CONDE REDONDO ■ CORPO SANTO ■ GRAÇA ■ MARTIM MONIZ ■ MISERICÓRDIA ■ POÇO DO BISPO ■ PRAÇA DE LONDRES ■ RESTAURADORES ■ ROSSIO ■ SALDANHA ■ S. SEBASTIÃO ■ TERREIRO DO TRIGO ● **AGÊNCIAS** — ALBERGARIA DOS DOZE ● ALBUFEIRA ● ALCOBAÇA ● ALGÉS ● ALHOS VEDROS ● ALMADA ● ALPIARÇA ● ANGRA DO HEROÍSMO ● ARRAIOLOS ● AVEIRO ● BEJA ● BOMBARRAL ● BORBA ● BRAGA ● CALDAS DA RAÍNHA ● CASCAIS ● CASTANHEIRA DE PÊRA ● CASTELO BRANCO ● CASTRO DAIRE ● CASTRO MARIM ● CASTRO VERDE ● CELORICO DE BASTO ● COIMBRA ● COVILHÃ ● CRATO ● ESPINHO ● ESTARREJA ● ÉVORA ● FAFE ● FARO ● FERREIRA DO ZÊZERE ● FIGUEIRA DA FOZ ● FUNCHAL ● GONDOMAR ● GRÂNDOLA ● GUIMARÃES ● HORTA ● ÍLHAVO ● LAGOS ● LEIRIA ● LOULÉ ● MARINHA GRANDE ● MATOSINHOS ● MIRANDA DO DOURO ● MONÇÃO ● MONTIJO ● MORTÁGUA ● MOSCAVIDE ● MURÇA ● ODEMIRA ● OLHÃO ● PENICHE ● PONTA DELGADA ● PONTE DA BARCA ● PORTIMÃO ● PÓVOA DE VARZIM ● RÉGUA ● RIBA D'AVE ● RIO MAIOR ● SABUGAL ● SANTARÉM ● SANTO TIRSO ● S. BRÁS DE ALPORTEL ● S. JOÃO DA MADEIRA ● SETÚBAL ● TOMAR ● TONDELA ● VIANA DO CASTELO ● VILA NOVA DE FAMALICÃO ● VILA NOVA DE GAIA ● VILA NOVA DE OURÉM ● VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO ● VISEU ■ **POSTOS DE CAMBIOS** — FUNCHAL (SANTA CATARINA) ■ MELGAÇO ■ VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO (FRONTEIRA) ■ VILAR FORMOSO

BEIRA-MAR NA DIVISÃO MAIOR

Continuação da 1.ª página

uma vez. Seria deveras agradável a obtenção desses louros, coroando nova temporada triunfal do futebol aveirense. Mas, na palavra de parabéns que o LITORAL aqui pretende deixar, o nosso ardente voto — um voto muito sincero, que sabemos ser o voto unânime de todos os aveirenses — é feito no sentido de que o nosso Beira-Marzinho deixe de ser o crónico «sobe-e-desce» e possa fixar-se, com raízes inamovíveis, na divisão maior do futebol português, pois aí é que tem de estar o seu lugar certo, um lugar que Aveiro amplamente merece e justifica!

□

Está já elaborado o calendário para a «poule» derradeira do Campeonato Nacional da II Divisão, a disputar entre 17 de Junho e 9 de Julho. Os jogos ficaram assim programados:

1.ª jornada (17/Junho) — BEIRA-MAR - Famalicão. 2.ª jornada (25/Junho — Famalicão - Vencedor da Zona Sul. 3.ª jornada (28/Junho) — Vencedor da Zona Sul - BEIRA-MAR. 4.ª jornada (2/Julho) — Famalicão - BEIRA-MAR. 5.ª jornada (5/Julho)

Continua na página 5

AVEIRO nos 'NACIONAIS'

I DIVISÃO

Resultados da 28.ª jornada

V. Setúbal - Braga	1-1
Estoril - Académico	2-0
Porto - Benfica	1-1
FEIRENSE - Portimonense	0-1
Riopele - ESPINHO	3-3
Sporting - Boavista	2-0
Belenenses - Varzim	1-0
V. Guimarães - Marítimo	0-1

Classificação actual

Porto, 48 pontos. Benfica, 47. Sporting, 38. Braga, 38. Belenenses, 33. Vitória de Guimarães, 30. Boavista, 27. Vitória de Setúbal, 24. Académico, 23. Varzim, 23. Estoril, 22. ESPINHO, 21. Portimonense, 21. Riopele, 21. Marítimo, 20. FEIRENSE, 12.

Próxima jornada (domingo)

V. Setúbal - Marítimo
Braga - Estoril
Académico - Porto
Benfica - FEIRENSE
Portimonense - Riopele
ESPINHO - Sporting
Boavista - Belenenses
Varzim - V. Guimarães

II DIVISÃO

ZONA NORTE

Resultados da 28.ª jornada

Vianense - Fafe	2-1
Penafiel - Rio Ave	2-0
Paços Ferreira - Régua	3-0
LUSITANIA - Famalicão	2-0
Leixões - SANJOANENSE	2-1
Vila Real - Aliados	1-2
Chaves - LAMAS	1-2
Gil Vicente - PAÇOS BRANDÃO	3-0

Classificação actual

Famalicão, 45 pontos. Aliados, 34. Fafe, 31. LAMAS, 29. Rio Ave, 29. Penafiel, 29. Leixões, 28. Vianense, 28. Chaves, 28. LUSITÂNIA, 27. Paços de Ferreira, 27. Gil Vicente, 25. PAÇOS DE BRANDÃO, 25. Régua, 24. SANJOANENSE, 21. Vila Real, 18.

Próxima jornada (domingo)

Vianense - PAÇOS DE BRANDÃO
Fafe - Penafiel
Rio Ave - Paços de Ferreira
Régua - LUSITANIA
Famalicão - Leixões
SANJOANENSE - Vila Real
Aliados - Chaves
LAMAS - Gil Vicente

ZONA CENTRO

Resultados da 28.ª jornada

U. Santarém - Peniche	0-0
U. Tomar - Covilhã	0-2
Mangualde - BEIRA-MAR	1-0
Portalegrense - U. Leiria	1-1
Marrazes - Estrela	0-1
RECREIO - Ac.º Viseu	1-0
U. Coimbra - Sintrense	4-1
Marinhense - Cartaxo	1-1

Jogos em atraso

U. Leiria - Ac.º Viseu	0-2
U. Santarém - Marrazes	0-1

Classificação geral

	J	V	E	D	Bolas	P
BEIRA-MAR	28	18	7	3	47-16	43
Ac.º Viseu	28	15	8	5	52-23	38
Portalegrense	28	12	10	6	36-22	34
Estrela	28	13	5	10	39-29	31
U. Tomar	28	11	9	8	28-23	31
Marinhense	28	11	9	8	33-30	31
Peniche	28	9	11	8	35-33	29
U. Santarém	28	9	10	9	28-24	28
U. Leiria	28	10	8	10	33-39	28
Mangualde	28	9	9	10	22-34	27
RECREIO	28	8	10	10	24-24	26
U. Coimbra	28	9	8	11	27-27	26
Covilhã	28	11	4	13	27-35	26
Marrazes	28	6	9	13	23-41	21
Sintrense	28	5	5	18	22-47	15
Cartaxo	28	5	4	19	21-50	14

Próxima jornada (domingo)

U. Santarém - Cartaxo
Peniche - U. Tomar
Covilhã - Mangualde
BEIRA-MAR - Portalegrense
U. Leiria - Marrazes
Estrela - RECREIO
Ac.º Viseu - U. Coimbra
Sintrense - Marinhense

Continua na página 5

Mangualde, 1 Beira-Mar, 0

Jogo no Campo do Conde de Anadia, em Mangualde, sob arbitragem do sr. Evaristo Faustino, da Comissão Distrital de Leiria.

As equipas formaram deste modo:

Mangualde — Sousa II; Costa, Mendes, Inácio e Almeida; Pedro, João Cruz e Maia; Fausto (Hermínio e Joca), Jordão e Pina.

Beira-Mar — Jesus; Manecas, Quaresma (Jorge), Sabu e Poeira; Nelson Reis (Cambraia), Sobral e Quim; Germano, Sousa e Abel.

Aos 71 m., tirando partido de deslize dos defensores beiramarenses, MAIA obteve o único golo do desafio — garantindo precioso êxito para a sua turma, muito carecida de pontos para se safar da descida de divisão.

Actuando de modo cauteloso, para controlar o ímpeto dos locais, os beiramarenses deram ao jogo um tom de equilíbrio — que justificaria, plenamente, a divisão final de pontos. O empate, de facto, espelharia melhor o que se passou no terreno — e quase se concretizava, num remate de Abel, que só não deu golo porque, in-extremis, Mendes safou um lance de tento possível, já no declinar do prélio...

O jogo foi movimentado e a arbitragem irregular, mas sem influência no desfecho. Houve cartões «amarelos» para Almeida (53 m.) e para o massagista do Mangualde (85 m.).

BEIRA-MAR BENFICA

Como nestas colunas anunciámos, disputou-se na tarde de anteontem (quarta-feira), com início às 19.30 horas, o encontro amistoso Beira-Mar - Benfica, que o mau tempo não deixara realizar em 25 de Abril findo.

Na impossibilidade de o fazermos hoje, daremos relato do encontro no número do LITORAL da próxima semana.

FUTEBOL de SALÃO

TORNEIO DE «OS CRAVAS»

Principiou a disputar-se, na noite de segunda-feira, no Pavilhão do Beira-Mar, mais uma edição do Torneio de Futebol de Salão organizado pelo activo e dedicado grupo de «Os Cravas» do Beira-Mar — que, na sua primeira fase, englobará quarenta e sete jornadas e se prolongará até 22 de Julho próximo.

Indicamos, desde já, os desfechos verificados nas duas primeiras rondas da competição, ficando para o próximo número a referência às jornadas de ontem e anteontem. Assim, tivemos:

1.º dia — segunda-feira

Bairro de Sá, 0 - Tobarô, 3. Paga-Pouco, 1 - Magriços-B, 0. Café Centrolar, 1 - Tokitanga, 2. Faianças Primavera, 2 - Casa Abílio Marques, 2.

2.º dia — terça-feira

Paula Dias, 3 - C. P. da Gafanha da Boa-Hora, 1. Campos-Modas, 0 - Ducauto, 2. Café Tako, 6 - Os Celtas, 0. Luzostela, 0 - Metalurgia Casal, 1.

A prova vai prosseguir, a partir

Continua na página 5

«FEBRE» ARGENTINA — A DOENÇA ACTUAL...

Em várias modalidades

CICLISMO

III Prémio «Nuno & Gradeço»

Está marcada para a tarde de amanhã, com início às 15 horas, a terceira e última prova do **Troféu da Associação de Ciclismo de Aveiro.**

Trata-se do **III Prémio «Nuno & Gradeço»** — reservado a corredores da categoria de seniores «A» e «B» — que incluirá vinte metas-volantes e terá um total de 125 kms., no seguinte itinerário:

Fogueira — Paraimo — Saima — Sangalhos — Sá — Malaposta — Famalicão — Alfeloas — Arcos — Anadia — Grada — Aguim — Curia — Tamengos — Ventosa do Bairro — Antes — Pedrulha — Casal Comba — Vimieira — Landiosa — Quinta da Malta — Carqueijo — Canedo — Pampilhosa — Travasso — Vacariça — Luso — Buçaco — Cova da Moura — Barracão — Mortágua — Pala — Alto da Serra (Moinho do Pisco) — Boialvo — Belazaima do Chão — Bolfiar — Assequins — Águeda — Borralha — Vale do Grou — Barrô — Paradela — Piedade — Perrães — Rego — Fermentelos — Agras — Oiã — Carris — Águas Boas — Malhapão — Troviscal — Póvoa do Carreiro — Amoreira da Gândara — Póvoa do Moto — Fogueira — Paraimo.

BEIRÍADAS - 78

As provas em Aveiro

Dentro do novo esquema superiormente estabelecido para a realização das «Beiríadas», no ano em curso — em que teremos a participação de atletas de quatro distritos, Aveiro, Coimbra, Guarda e Viseu, dado que Castelo Branco e Leiria **foram desviados** para outra organização similar... — Aveiro-cidade será palco de duas modalidades, programadas para os dias 10 (badminton) e 18 (ginástica) do corrente.

Os jogos de badminton terão lugar no Pavilhão Gimnodesportivo e no Pavilhão da Escola Preparatória João Afonso de Aveiro; e a jornada ginástica efectua-se no Pavilhão Gimnodesporoivo.

Continua na página 5

ANDEBOL DE SETE

Festa de homenagem a JANUÁRIO

Conforme estava programado, disputou-se, na noite de sábado, a anunciada festa de homenagem que a Secção de Andebol do Sport Clube Beira-Mar dedicou ao seu valoroso e dedicado atleta José Manuel Saraiva Januário.

Houve três desafios de andebol de sete, que concluiram com triunfos dos juvenis sobre os juniores do Beira-Mar (12-10) e do Benfica sobre o Beira-Mar — 19-13, em seniores-femininos e 23-21, em seniores-masculinos.

Daremos pormenorizado relato desta jornada festiva, no número da próxima semana, por nos ser impossível fazê-lo desde já, como era nosso desejo.

«TAÇA DE PORTUGAL»

No seguimento desta competição, na Zona Norte, apuraram-se, no passado fim-de-semana, os desfechos que a seguir indicamos:

2.ª Fase — 1.ª Eliminatória

ESGUEIRA - Sport	57-95
Académico - GALITOS	72-52

2.ª Fase — 2.ª Eliminatória

Ginásio - SANGALHOS	74-77

Temos, portanto, que os bairradinos se encontram bem lançados na prova — em que são, de resto, os únicos sobreviventes dos clubes do nosso Distrito, já que Esgueira e Galitos foram eliminados no sábado.

Para finalizar a segunda eliminatória da segunda fase, estão marcados para a noite da amanhã, sábado, os seguintes desafios:

Série A — Académico de Coimbra-Académico do Porto e F. C. Porto-Sport Conimbricense. **Série B** — Cdup - Olivais.

□ A contar para a «Taça de Portugal», entre equipas femininas, a turma do ESGUEIRA — depois de ter ganho, no Porto, ao Cdup, por 55-53 — acabou por ser derrotada pelo Académico do Porto (campeão nacional), por 93-36.

A partida realizou-se em Aveiro, ficando as esgueirenses eliminadas da prova.

TORNEIO DE «VELHAS GUARDAS»

A terceira jornada da segunda volta, realizada em Aveiro, proporcionou, na passada sexta-feira, as marcas que adiante indicamos:

ILLIABUM - SANJOANENSE	33-44
ESGUEIRA - SANGALHOS	60-55

Esta noite, no Pavilhão de S. João da Madeira, a partir das 21 horas, haverá a nona jornada deste torneio (penúltima da interessante competição), englobando os jogos ILLIABUM - GALITOS e SANJOANENSE - SANGALHOS.

ILLIABUM EM FESTA

Nos próximos dias 10 e 11 de Junho, o Illiabum Clube vai festejar — com programa que esperamos poder divulgar oportunamente — o décimo quinto aniversário da vitória conseguida pela sua equipa de infantis no Campeonato Nacional.

Foi — recordemos — o primeiro título nacional conquistado por um clube do nosso Distrito. O Illiabum impôs-se, de modo categórico, aos seus directos competidores (Belenenses, Vitória de Setúbal e F. C. do Porto), em desafios que se disputaram na Figueira da Foz.

Exmº Senhor
João Sarabando
AVEIRO